

FRANCISCA CATARINA (S. João do Pico, Açores, 1846-1940)

AS RAÍZES

Na busca das raízes de Francisca Catarina (mais adiante designada por F.C.), seguimos dos pais para os avós, que ordenámos pela linha masculina, depois para os bisavós, seguindo o mesmo critério de ordenação, e daí para as gerações precedentes sobre as quais temos informação, acabando por recuar escassamente à oitava geração de ascendentes.

Na nossa apresentação iremos começar pela geração mais antiga conhecida, privilegiando a contextualização familiar. Cada casal foi numerado dentro da geração a que pertence relativamente a F.C. e foi historiado o seu percurso biológico. Até onde permitem as fontes foi procurada a contextualização socio-económica.

Numerando os casais da geração mais antiga conhecida, descemos depois sucessivamente a cadeia genealógica ordenada. Assim, ao numerar com o número 51 um casal de sétimos avós, queremos significar que o mesmo é progenitor do indivíduo do sexo masculino pertencente ao casal 26 de sextos avós. O casal 26 de sextos avós será progenitor do indivíduo do sexo feminino pertencente ao casal 13 de quintos avós. O casal 13 de quintos avós será, por seu lado, progenitor do indivíduo do sexo masculino do casal 7 de tetravós. O casal 7 de tetravós estará na origem do indivíduo do sexo masculino do casal 4 dos trisavós. Por sua vez, o casal 4 de trisavós será progenitor do indivíduo do sexo feminino do casal 2 de bisavós. O casal 2 de bisavós estará na origem do indivíduo do sexo feminino do casal 1 de avós. Estes últimos serão os pais do pai de F. C..

No caso de, em algum momento da cadeia, um ascendente de F. C. contar com um outro casamento, o casal conseqüente para a genealogia da mesma terá, para a geração considerada, a numeração simples atribuível. Se esse ascendente de F. C. com dois ou mais casamentos é do sexo masculino, o outro casal ou outros casais em que se integra, terão o mesmo número da

cadeia genealógica ao qual se acrescenta um "A" seguido do número de ordem do casamento. Se o ascendente de F. C. com dois ou mais casamentos é do sexo feminino, o outro casal ou outros casais em que se integra, terão o mesmo número da cadeia genealógica ao qual se acrescenta um "B" sempre seguido do número de ordem do casamento. Assim, quando o elemento do sexo masculino do casal 5 de tetravós de F. C. casa após a morte da mulher, o novo casal que constitui é o 5-A-2. Quando o elemento feminino do casal 14 de tetravós de F. C. é viúva de um primeiro marido, esse casamento anterior é identificado como o casal 14-B-1.

É difícil identificar entre os primeiros habitantes conhecidos da jovem freguesia de S. João Baptista os ascendente da figura principal deste trabalho. Para o período anterior a 1692 não temos possibilidade de unir as cadeias genealógicas pela inexistência de registos de casamento. Só quando o casamento de um filho mais jovem ou casado tardiamente se coloca dentro da observação temos possibilidade de identificar, por essa via, elementos da sétima geração ascendente. Só conhecemos indivíduos da oitava geração ascendente se podemos jogar com a identificação decorrente de actos de apadrinhamento. O hábito de escolher para padrinhos indivíduos solteiros aos quais se refere filiação facilita à partida o processo.

Assim, por sucessivos actos de apadrinhamento, conhecemos dois casais da oitava geração ascendente que foram residentes em S. João. Residentes em S. Roque da mesma ilha conhecemos pelo nome mais quatro casais.

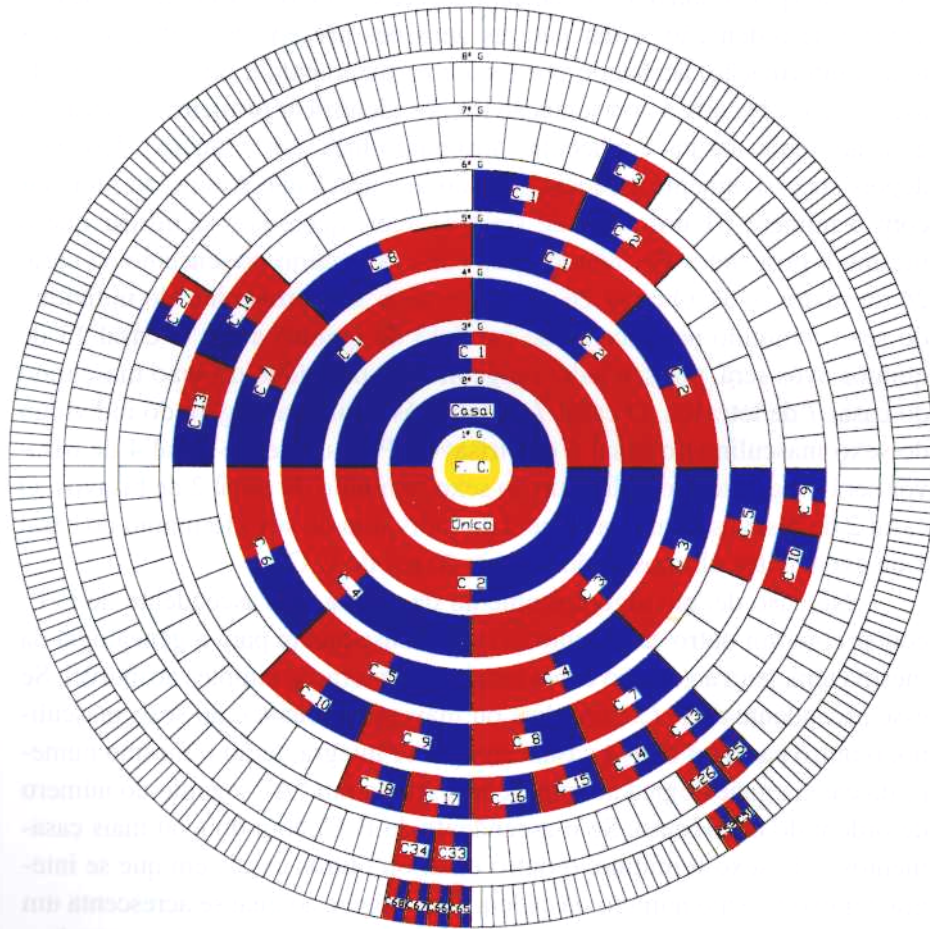
De entre os 64 casais da sétima geração de progenitura identificamos com segurança apenas outros dois casais em S. João e conhecemos os nomes de dois outros em S. Roque.

Quando passamos à geração seguinte, a dos quintos avós, a identificação é facilitada pela maior frequência em que os actos de casamento caem dentro da observação nas paróquias já reconstituídas. De entre os 32 casais dessa geração já identificamos cinco residentes em S. João, um outro em S. Mateus e conhecemos pelos nomes dois casais residentes em S. Roque e outro casal residente na vila das Lajes, num total de nove.

Na geração dos tetravós identificamos sete casais residentes em S. João, conhecemos pelo nome um casal residente nos Flamengos, na ilha do Faial, um outro em S. Roque do Pico e ainda um outro que supomos das Lajes, contando 11 casais dos 16 dessa geração.

Identificamos nas quatro gerações seguintes todos os ascendentes de F. C..

GRÁFICO I



Ascendentes conhecidos de F. C.

1. Oitava geração ascendente

Os elementos desta geração, se residentes em S. João, são, como vimos, apenas conhecidos por actos de apadrinhamento registados nas décadas de quarenta a sessenta do século XVII. Dos ascendentes de F.C. que haviam sido residentes em S. Roque, dada a existência para esta paróquia de registos mais antigos, lográmos conhecer os seus nomes por actos de casamentos ou baptizado.

1.1. CASAL 51

QUADRO I

Nome	Ano do 1º apadrinhamento conhecido
8ª Geração Ascendente CASAL 51 (S. João)	
Domingos Furtado	
Águeda Garcia	
FILHOS conhecidos	
Domingos Furtado (Sexto avô de F.C.)	1651
Álvaro Furtado	1662

Em 1651 encontramos Águeda Garcia, identificada como viúva de Domingos Furtado, como madrinha de uma criança, sendo padrinho da mesma seu filho **Domingos Furtado**, sexto avô de F. C., então solteiro. Outro filho, Álvaro Furtado, solteiro, foi identificado em 1662 como padrinho de uma sobrinha, filha de seu irmão Domingos Furtado.

Não temos outras informações sobre os membros do casal.

Sobre Álvaro Furtado sabemos que casou com Águeda Cardoso, registando filhos entre 1670 e 1678.

De Domingos Furtado, como ascendente da figura central deste trabalho, falaremos mais tarde.

1.2. CASAL 52

QUADRO II

Nome	Ano do 1º apadrinhamento conhecido
8ª Geração Ascendente CASAL 52 (S. João)	
Fernando Alves Ferreira	
Maria Madruga	

FILHOS conhecidos	
João Teixeira	1641
Luzia Ferreira	1648
Águeda Garcia (Sexta avó de F.C.)	1650
Pedro Gomes	1652
Manuel Alvernaz	1656
Roque Ferreira	1663
Sebastião Ferreira	1669

Encontramos sete filhos adultos nesta família, sem que tenhamos a certeza de conhecer toda a descendência do casal. Admitimos que se tratasse de uma família de proprietários, com filhos que se conservavam solteiros longo tempo, dada a grande frequência e continuidade de apadrinhamentos destes últimos.

Reparemos na variedade de apelidos usados na segunda geração desta família. Embora três dos filhos usem o último apelido do pai, Ferreira, nenhum filho ou filha usa o apelido Alves, nem o apelido da mãe, Madruga. Aparecem outros apelidos cuja origem desconhecemos como Teixeira, Garcia, Gomes e Alvernaz.

Sabemos que Fernando Alves Ferreira era já falecido em 1662, enquanto Maria Madruga era ainda viva em 1669. Exceptuando o caso de Águeda Garcia, sexta avó de F. C., sobre a qual nos debruçaremos mais tarde, não temos mais informações sobre os outros filhos.

1.3. CASAL 65

QUADRO III

Nome	Profissão	Data do 1º Casamento
------	-----------	----------------------

8ª Geração Ascendente CASAL 65 (S. João)		
António Rodrigues	pedreiro	
Violante Gomes		
FILHO conhecido		
Fernão Rodrigues (Sexto avô de F.C.)		27-05-1624

Sabemos que António Rodrigues, pedreiro de profissão, e Violante Gomes, sétimos avós de F.C., eram ainda vivos em 1624 quando o seu filho Fernão Rodrigues, que viria a ser sexto avô de F.C., casou a primeira vez com Maria da Fonte, filha de Luís da Fonte e Catarina Manuel, residentes na mesma freguesia de S. Roque

1.4. CASAL 66

QUADRO IV

Nome	Data do 1º Casamento
8ª Geração Ascendente CASAL 66 (S. Roque)	
Gonçalo da Rosa	
Águeda Vieira	
FILHA conhecida	
Maria da Rosa (Sexta avó de F.C.)	19-11-1628

Gonçalo da Rosa e Águeda Vieira seriam ainda vivos quando em 1628 a sua filha, Maria da Rosa, casou com Fernão Rodrigues, já viúvo.

1.5. CASAL 67

QUADRO V

Nome	Data do 1º Casamento
8ª Geração Ascendente CASAL 67 (S. Roque)	
Gonçalo Martins	
Merência Serqueira	
FILHO conhecido	
Gonçalo Martins (Sexto avô de F.C.)	24-11-1619

Gonçalo Martins era já falecido em 1619 quando o seu filho homónimo casou com Águeda Ferreira. Merência Serqueira era sobrevivente.

1.6. CASAL 68

QUADRO VI

Nome	Data do 1º Casamento
8ª Geração Ascendente CASAL 68 (S. Roque)	
Domingos Ferreira	
Antónia Gonçalves	
FILHA conhecida	
Águeda Ferreira (Sexta avó de F.C.)	24-11-1619

Domingos Ferreira e Antónia Gonçalves sobreviviam ainda em 1619 quando a sua filha Águeda Ferreira casou com Gonçalo Martins.

2. Sétima geração ascendente

Caindo actos de casamento e óbito dentro da nossa possibilidade de observação, dispomos de um volume maior de informações sobre os sextos avós de F. C. que residiram em S. João.

2.1. CASAL 25

QUADRO VII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
7ª Geração Ascendente CASAL 25 (S. João)				
António Rodrigues Frade	1633 (?)		13-12-1703	Casado
Beatriz Luís			04-02-1719	Viúva
FILHOS				
<i>Bárbara Pereira/Rodrigues</i>	07-12-1654			
<i>Maria da Rosa</i>	07-11-1656			
Baltazar Fernandes Frade (Tetravô de F.C.)	19-03-1659	05-01-1695	29-12-1741	Casado
Beatriz	20-09-1661			
António Rodrigues Frade- alferes (5º Avô de F.C.)	1663 (?)	11-06-1691	20-05-1752	Casado
Beatriz	27-06-1666			
Catarina da Conceição/Pereira/Goulart	30-11-1669	04-07-1707	03-12-1752	
Beatriz	20-09-1671			
Inês	05-03-1673			
Manuel Rodrigues Frade	1676 (?)	12-11-1713	23-12-1755	Viúvo

Admitimos que este casal tenha realizado o seu casamento no ano de 1653 ou início do seguinte. Será difícil considerar o nascimento de mais de onze filhos entre os finais de 1654 e meados de 1680, depois de *encaixarmos* o nascimento de António entre as duas filhas de nome Beatriz, e Manuel entre Inês e Grácia. Os intervalos intergenésicos tornam-se assim regulares. Um maior estreitamento no intervalo entre Beatriz e Inês pode significar a morte daquela nos primeiros meses de vida, libertando a mãe da amamentação e tornando-a mais rapidamente vulnerável a uma nova gravidez. O intervalo que supomos mais alargado entre Manuel e Grácia decorreria naturalmente do envelhecimento de Beatriz Luís. Baptizando filhos ao longo de duas décadas e

meia, e sendo de aceitar que tivesse mais de dezasseis anos ao casamento, ao nascimento do último filho ultrapassaria os quarenta e dois anos.

Pelas relações de compadrio que procura e o volume de afilhados dos próprios e dos filhos enquanto solteiros, deduzimos que esta família se movimentava num espaço social favorecido da freguesia, alargando as suas relações às Lajes do Pico e à ilha do Faial.

Assim, ao baptizado da filha Bárbara é padrinho Manuel Rodrigues Frade, proprietário (conhecido a partir de 1650 pelo baptismo de um filho) e que supomos parente, pai ou irmão de António Rodrigues Frade; para madrinha escolheram Ana Rodrigues, moça solteira, filha de Diogo Rodrigues, da ilha do Faial.

Quando nasce a filha Maria escolhem para padrinho Pedro Fernandes, outro proprietário, e para madrinha Maria Goulart, mulher do capitão Gregório Pereira da Silveira, possivelmente a figura mais prestigiada da freguesia do período.

De Baltazar foi padrinho António Rodrigues, solteiro (virá a ser quinto avô de F. C. - casal 9), filho de Inês Rodrigues, e para madrinha outra Beatriz Luís (parente da mãe da criança?), mulher de João Pereira Sarmiento, outro proprietário, a supor pelo número de afilhados.

Da primeira filha Beatriz, será padrinho Mateus Pereira Sarmiento (conhecido a partir de 1645 pelo baptizado de um filho) e madrinha Maria Pereira, filha de Sebastião Pereira Sarmiento (irmão do anterior?), uns e outros a mostrar indícios de diferenciação social.

De segunda filha de nome Beatriz foi padrinho Francisco Machado Fagundes, das Lajes, e madrinha Maria Pereira, filha de João Pereira Sarmiento.

Ao baptizado da filha Catarina relacionam-se novamente com Pedro Fernandes, escolhendo para padrinho o filho deste, Manuel da Costa. Madrinha será Águeda Garcia, mulher de António Rodrigues Pereira, outro proprietário, futuro alferes.

Ao baptizado da terceira filha com o nome de Beatriz foram convidados os mesmos padrinhos da primeira filha com o mesmo nome, Mateus Pereira Sarmento, e Maria Pereira, filha de Sebastião Pereira Sarmento.

De Inês será padrinho José Pereira, filho de Mateus Pereira Sarmento, e Águeda Goulart que já fora madrinha de Catarina.

Finalmente de Grácia será padrinho Francisco Machado, filho de Francisco Machado, e Isabel Dutra, casal que não identificamos. Madrinha será Maria Pereira, a mesma madrinha de Beatriz, primeira de nome.

Admitimos que grande parte dos compadres escolhidos sejam parentes, mas os párocos não nos dão essa informação e nós não temos possibilidade de o deduzir nestas primeiras gerações. Um hábito que parece firme é a escolha dos padrinhos recair predominantemente sobre jovens solteiros ou então recém casados, mas de famílias diferentes, abrindo o leque de protecção sobre a criança.

Poderemos reparar que, a par dos nomes de Manuel e Maria, outros nomes de baptismo menos comuns são escolhidos, sem ligação visível aos padrinhos, como o de Bárbara, Inês ou Grácia.

António Rodrigues Frade, ao falecer, o pároco atribui-lhe a idade de 70 anos. Fez testamento vocal, deixando por sua alma um ofício e 50 missas, comportamento que encontramos como corrente na época. A sua viúva sobreviveu-lhe até 4 de Fevereiro de 1719, após a crise vulcânica, sem o pároco nos dar indicação sobre a sua idade. Não fez testamento, dizendo seus filhos, o alferes António Rodrigues Frade e Baltazar Fernandes, que *tudo lhe ardeu*. Foi a sepultar à Igreja de S. Bartolomeu da Silveira, lugar da freguesia da Santíssima Trindade das Lajes.

Embora saibamos que as filhas Bárbara, Maria e Grácia sobreviveram à infância, na medida em que as encontramos como madrinhas em idade adulta, o casamento das duas primeiras, a verificar-se na freguesia, ter-se-á localizado antes de Junho de 1691, altura a partir da qual passamos a dispor

de assentos de casamento. Nenhuma das três foi também identificada ao óbito.

Salientamos depois a idade elevada ao casamento nos quatro casos conhecidos de filhos desta família. O quinto avô de F. C., António Rodrigues Frade, casou aos 28 anos, mas o seu irmão, Baltazar Fernandes Frade, tetravô de F. C., já contava 35 anos. A irmã, Catarina da Conceição, tinha 38 e Manuel Rodrigues Frade teria à volta de 37 anos. Os casamentos parecem procurar-se entre famílias do mesmo nível social. Sem referir os dois ascendentes directos de F. C., Baltazar e António, que serão posteriormente objecto de análise, verificamos que Catarina da Conceição casou com o alferes Manuel Francisco Vieira, seu parente em 2º e 3º graus de consanguinidade, segundo informação do assento de casamento. Sem filhos, teve à sua morte acompanhamento de quatro religiosos de S. Francisco, o maior sinal de prestígio nos funerais do tempo. O irmão Manuel Rodrigues Frade, ocupando o posto de sargento, casou com Maria da Silveira, de 24 anos, filha de Francisco da Silveira, proprietário já falecido e de Mariana de Boim, esta casada em segundas núpcias. À sua morte Manuel Rodrigues Frade e Maria da Silveira têm sufrágios só atribuíveis a proprietários.

Todos os filhos cujo acesso ao casamento acompanhamos, terão uma vida longa. Baltazar faleceu aos 82 anos, Manuel perto de 80, Maria aos 83 e António perto de 90 anos.

Dispondo de registos de assinaturas no livro de baptizados a partir dos finais de 1696 com a indicação das testemunhas no corpo do texto de cada assento, podemos conhecer os traços caligráficos deixados por António



Rodrigues Frade e pelos seus três filhos do sexo masculino.

(Assinatura de António Rodrigues Frade - pai)

(Assinatura de Manuel Rodrigues Frade)

(Assinatura de Baltazar Fernandes)

(Assinatura de António Rodrigues Frade -filho)

2.2. CASAL 26

QUADRO VIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
7ª Geração Ascendente CASAL 26 (S. João)				
Domingos Furtado				
Águeda Garcia	1635 (?)		04-08-1705	Viúva
FILHOS				
Águeda	06-06-1662			
Roque	02-08-1665			
Águeda Garcia (5ª Avó de F.C.)	08-04-1669	11-06-1691	19-02-1742	Casada
Bárbara	24-08-1671			

Domingos Furtado e Águeda Garcia escolheram para padrinho da sua filha Águeda, primeira de nome, Álvaro Furtado, ainda solteiro, irmão do pai. Outros dois tios solteiros, irmãos da mãe, Roque Ferreira e Sebastião Ferreira serão, respectivamente, os padrinhos de Roque e Águeda, segunda de nome. Como madrinha da primeira filha de nome Águeda foi convidada Maria Pereira, filha de João Pereira do Amaral e de Ana Cardoso; outra filha dos mesmos, Catarina do Amaral, será madrinha de Águeda, segunda de nome. De Roque será madrinha outra moça solteira, Águeda de Oliveira, filha de António de Oliveira, duas famílias que somam um volume grande de afilhados. Como padrinho de Bárbara encontramos um homem casado, Francisco da Silveira, também com repetidos apadrinhamentos, sendo madrinha Isabel Goulart, solteira, filha de Manuel Vieira Goulart e Maria Pereira, proprietários.

Domingos Furtado deve ter falecido antes da informação disponível sobre os óbitos. A Águeda Garcia o pároco atribui *mais ou menos* 70 anos na altura do falecimento, sendo já viúva. No seu assento de óbito pode ler-se que *fez um rol de que deixou um ofício e acompanhamento com todas as cruces desta Igreja e deixou sessenta e quatro missas entrando dez de tenção e uma cantada e três na noite de Natal e dois anais de responsos.*

Admitimos que a primeira filha conhecida deste casal, Águeda, terá morrido na infância, mas não sabemos o destino de Roque e de Bárbara. Águeda Garcia, com o mesmo nome da mãe, casou aos 22 anos com António Rodrigues Frade e faleceu aos 72 anos. Como quinta avó de F. C., será objecto mais tarde da nossa atenção.

2.3. CASAL 33

QUADRO IX

Nome	Data Baptizado	Data Casamento
------	----------------	----------------

7ª Geração Ascendente CASAL 33 (S. Roque)		
Fernão Rodrigues		19-11-1628
Maria da Rosa		
FILHO conhecido		
Sebastião Ferreira Pimentel (5º avô de F.C.)	14-10-1629	12-11-1651

Sabemos que Sebastião Ferreira Pimentel foi o primeiro filho dentro do casamento de Fernão Rodrigues e de Maria da Rosa. Em 1651, ao casamento do filho, Fernão Rodrigues era já falecido e Maria da Rosa sobrevivente.

2.4. CASAL 34

QUADRO X

Nome	Data Baptizado	Data Casamento
7ª Geração Ascendente CASAL 26 (S. Roque)		
Gonçalo Martins		24-11-1619
Águeda Ferreira		
FILHA conhecida		
Catarina Vaz (5ª avó de F.C.)	27-02-1631	12-11-1651

Gonçalo Martins e Águeda Ferreira eram ainda vivos ao casamento da filha Catarina, em 1651, nas vésperas de atingirem 32 anos de casados.

3. Sexta geração ascendente

3.1. CASAL 3

QUADRO XI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
6ª Geração Ascendente				
CASAL 3				
(S. João)				
Francisco Vieira Goulart/Pais	1641 (?)		29-04-1713	Casado
Maria Pereira	1644 (?)		06-01-1624	Viúva
FILHOS				
Francisco <i>Vieira</i>	24-08-1667			
Águeda	09-08-1671			
Manuel <i>Francisco Vieira</i> - alferes	26-04-1674	04-07-1707	22-04-1749	
Mateus Rodrigues Pais (Tetravô de F.C.)	23-11-1676		13-03-1746	Casado
João	18-02-1680			
André <i>Vieira</i>	05-12-1683		21-07-1712	Solteiro
José <i>Pereira Goulart</i>	15-09-1686			

Ao observarmos a sucessão de nascimentos nesta família, encontramos um intervalo intergenésico de quatro anos, que não se repete depois, o que nos leva a admitir que um outro filho deste casal possa ter nascido entre Francisco e Águeda. Poderá ser um dos assentos ilegíveis do período, o que elevaria para nove o número de filhos desta família. A aceitar a informação do pároco sobre a mãe, Maria Pereira, esta teria cerca de 23 anos ao nascimento do primeiro filho e cerca de 42 anos ao nascimento do último.

O padrinho do primeiro filho do casal é o alferes António Rodrigues Pereira, também quinto avô de F. C.. A madrinha é Maria Pereira, mulher de Paulo Pais (tio do baptizado?)

Com o baptizado da filha Águeda, o casal relaciona-se com o capitão Gregório Pereira da Silveira, convidando seu filho solteiro, Gregório da Silveira Goulart, para padrinho. Para madrinha é escolhida Maria da Silveira, filha de Manuel da Silveira, da freguesia de S. Mateus.

Irão convidar ainda de fora da freguesia, ao baptizado do filho João, o *Ajudante* Roque Dias de Ávila, das Lajes. Também das Lajes será uma Isabel Silveira, madrinha de André.

Apesar da ilegibilidade em alguns casos, detectamos claramente o relacionamento com outras famílias de proprietários da freguesia. Assim, Manuel Rodrigues Frade, já referido, é padrinho de Manuel, sendo madrinha Águeda Martins, filha de Francisco Martins; Domingos Silveira, filho de Francisco Silveira e de Ana Rodrigues e Maria Cardosa, filha de Domingos Rodrigues Frade e Ana Cardosa são padrinhos de Mateus; padrinhos de Isabel são José Pereira, filho de Manuel Vieira Goulart, e Catarina Goulart, mulher de António Vieira Madruga.

Em alguns assentos Francisco Vieira Goulart é identificado com o apelido Pais, apelido que o filho Mateus usa, depois de Rodrigues, este sem ligação com os apelidos do pai ou da mãe. Os filhos Francisco e André usam só o apelido Vieira. Manuel é conhecido por Manuel Francisco Vieira. Só o filho mais novo, é José Pereira Goulart, usando o apelido da mãe e o último do pai.

Francisco Vieira Goulart faleceu aos 72 anos, segundo informação do pároco, sem receber sacramentos, *por não avisarem*. Fez testamento, sendo testamenteiro seu filho José Pereira Goulart. Foi amortalhado em hábito e acompanhado por todas as cruzes da freguesia. Teve por sua alma dois ofícios, um de corpo presente e outro ao cabo do ano, 106 missas e um anal de responsos. A sua viúva, que faleceu aos 80 anos, segundo o pároco, *levou todo o acompanhamento que nesta freguesia havia*, deixando por sua alma 110 missas, um anal de responsos, um ofício de corpo presente e outro ao cabo do ano, como fizera seu marido.

Dos filhos do casal, de Águeda, João e Isabel não temos informação posterior ao nascimento. Francisco Vieira, que encontramos como padrinho em 1690, deve ter-se ausentado posteriormente da freguesia, o mesmo acontecendo a José Pereira Goulart que foi testamenteiro do pai em 1713.

Como vimos anteriormente, o alferes Manuel Francisco Vieira casou aos 32 anos com sua prima Catarina da Conceição/Pereira/Goulart, de 37 anos, filha de António Rodrigues Frade e Beatriz Luís (estes já por nós identificados como sétimos avós de F. C.). Falecendo a abeirar os 75 anos, Manuel Francisco Vieira foi amortalhado em hábito de *saial*¹ e teve acompanhamento de dois religiosos, além do pároco e de um outro sacerdote da freguesia; fez testamento, deixando sua mulher por testamenteira. Como sufrágios teve 200 missas por sua alma, 40 de tenção, 2 ofícios, um de corpo presente e outro ao ano.

Mateus Rodrigues Pais, tetravô de F. C., cujo trajecto de vida acompanharemos mais tarde, casou antes dos 28 anos com uma mulher da Madalena, paróquia onde se deve ter realizado o casamento, em período em que não dispomos de informação².

André Vieira, faleceu solteiro aos 28 anos, como *filho famílias*. Foi amortalhado em hábito e seu pai *mandou-lhe fazer acompanhamento de sua casa*; teve ofício e 30 missas por sua alma.

Vejamos finalmente a grosseira assinatura de Francisco Vieira Goulart, comparando-a com as assinaturas de três dos seus filhos



(Assinatura de Francisco Vieira Goulart)

¹ Mortalha de maior esmola, em contraste com o hábito de picote.

² Os registos de casamento da Madalena de que dispomos iniciam-se em 1708.

(Assinatura do alferes Manuel Francisco Vieira)

(Assinatura de Mateus Rodrigues Pais)

(Assinatura de José Pereira Goulart)

3.2. CASAL 9

QUADRO XII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
6ª Geração Ascendente CASAL 9 (S. João)				
António Rodrigues Pereira - alferes	1632 (?)		02-06-1719	Casado
Águeda Goulart	1641 (?)		07-03-1721	Viúva
FILHOS				
Manuel	26-11-1665			
Maria <i>Silveira</i>	24-02- 1667	01-01- 1693	21-09-1751	Viúva
Águeda <i>Silveira</i>	23-09-1668	04-11- 1697	06-01-1645	Viúva
Gregório	20-11- 1670			

Domingas <i>Silveira</i>	30-06-1672	12-10-1669		
Inês <i>Pereira da Silveira</i>	30-11-1674	11-01-1705		
Margarida <i>Silveira</i>	10-12-1676		05-03-1707	Solteira
António	17-09-1678			
António <i>Silveira</i> - alferes	20-10-1680	07-02-1706	22-05-1747	Casado
João <i>Homem da Silveira</i> - capitão (Tetravô de F.C.)	02-04-1687	22-10-1708	13-09-1760	Viúvo

Pela sequência dos nascimentos admitimos conhecer as datas de baptizado de todos os filhos deste casal, em número de dez. O intervalo mais alargado entre António, segundo de nome, e João poder-se-á atribuir à idade já avançada da mulher. A acreditar na informação do pároco que lhe atribuiu 80 anos no momento da sua morte (número redondo, certamente aproximado), Águeda Goulart teria 46 anos ao nascimento do último filho. Acreditamos que tivesse pelo menos 48, dado que o nascimento de Manuel, primeiro filho, se dá em 1665, sendo de admitir que Águeda Goulart tivesse então mais de 14 anos.

Pelos baptizados dos filhos verificamos que o casal privilegiou as relações de compadrio com o capitão Gregório Pereira da Silveira, sua mulher Maria Goulart, seus filhos e cunhado. Admitimos mesmo que Águeda Goulart possa ter sido irmã de Maria Goulart.

De facto, Manuel é afilhado de dois dos filhos de Gregório Pereira da Silveira, Gaspar da Silveira e Maria Goulart; Maria é afilhada de outro filho, Manuel Silveira; Gregório é afilhado da mulher, Maria Goulart; de Domingas é padrinho Gaspar da Silveira, já padrinho de Manuel; o próprio Gregório Pereira da Silveira é padrinho de Inês; Sebastião Silveira volta a ser compadre ao baptizado de Margarida; António é afilhado do alferes Francisco Peixoto, casado com Margarida Silveira, irmã do referido capitão; madrinha do mesmo é Ana Rodrigues, casada com Francisco Silveira, que supomos ser outro irmão;

de João é padrinho um filho (nome ilegível) de Gregório Pereira da Silveira e madrinha a irmã deste, Margarida da Silveira, já então viúva.

Outra família de proprietários com a qual António Rodrigues Pereira e Águeda Goulart se relacionam é a de Pedro Fernandes de S. João. Sua mulher, Marta Rodrigues é madrinha da filha Maria; seu filho Manuel da Costa é padrinho de Águeda.

A madrinha de Águeda é a mulher de João Garcia Sarmiento, Maria Martins.

O padrinho de Gregório é Sebastião Pereira, filho de Sebastião Pereira Sarmiento.

Beatriz Luís, mulher de António Rodrigues Frade é madrinha de Domingas.

Manuel Nunes e Maria Pereira, filhos de Francisco Rodrigues e Maria Pereira, da vila das Lajes, são padrinhos de António, primeiro de nome.

Reparemos nos apelidos usados pelos filhos de António Rodrigues Pereira e Águeda Goulart. Silveira é o apelido comum a todos os irmãos, sem ligação aparente com os pais. António Rodrigues Pereira e o capitão Gregório Pereira da Silveira terão ascendentes próximos comuns? É uma hipótese provável. Maria usa também o apelido Goulart e Inês o de Pereira. O apelido de Homem, usado por João Homem Goulart é outra incógnita.

António Rodrigues Pereira viveu o suficiente para assistir à erupção que arrasou a freguesia. Morreu em S. Mateus, aos 87 anos, segundo nos informa o pároco. Foi seu testamenteiro o filho João Homem da Silveira, já alferes, então morador nas Lajes. Foi amortalhado em hábito, acompanhado em cantoria da sua casa, teve ofício cantado e missa cantada, além de 250 missas rezadas por sua alma e 30 *de tenção*. Águeda Goulart sobreviveu-lhe na mesma paróquia, morrendo aos 80 anos, segundo informação do seu registo de óbito. No entanto, teve por sua alma apenas um ofício e 12 missas porque *o fogo de incêndio lhe levou os seus bens*. O seu genro Bernardo Pereira da Rosa, segundo marido da sua filha Águeda da Silveira, por sua iniciativa, mandou amortalhá-la em hábito.

A diferença de comportamento à morte de António Rodrigues Frade em 1719 e de sua mulher dois anos mais tarde pode sugerir a existência inicial de bens móveis que os bens de raiz arrasados pelo fogo não permitiram renovar.

Notamos sobrevivência à infância comprovada para sete dos dez filhos registados, seis deles com acesso ao casamento. Depreendemos, pela repetição do nome, que António, nascido em Setembro de 1678, terá morrido antes de Outubro de 1680. Não temos a certeza da morte, em tenra idade, de Manuel ou de Gregório, dado que nenhum irmão que nasce posteriormente recebe os seus nomes.

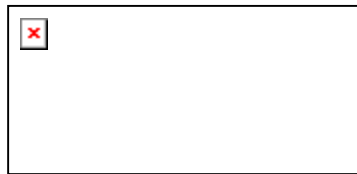
Reparemos ainda que António Rodrigues Pereira e Águeda Goulart não encontram em S. João noivos para as suas quatro filhas que tiveram acesso ao casamento. A filha mais velha, Maria, casou aos 25 anos com o sargento Manuel de Pereda, de S. Mateus; a filha Domingas casou aos 27 anos com João Homem, da freguesia das Ribeiras; Inês casou aos 28 anos com Diogo de Matos, da Madalena; Águeda casou aos 29 anos com Manuel de Brum da Silveira, filho do capitão João de Bettencourt, das Ribeiras. Esta seria a única filha que passaria a residir em S. João. No entanto, enviuvando em 12 de Março de 1704, casou seis meses depois, em 29 de Setembro do mesmo ano, com Bernardo Pereira, natural de S. Roque. Com as crises vulcânicas, acabaria por se refugiar em S. Mateus, onde faleceu aos 76 anos.

O filho António da Silveira, que viria a ocupar o posto de alferes, casou na freguesia aos 25 anos, com Águeda Goulart, de 21 anos, filha de Gaspar Homem Goulart e Águeda Garcia, proprietários. Tiveram oito filhos, sete deles sobreviventes à infância. Morreria aos 66 anos, deixando por sua alma um ofício e nove mil réis de missas.

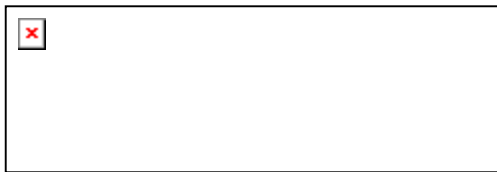
O filho João Homem da Silveira, que viria a ocupar o posto de capitão, tetravô de F. C., casou aos 21 anos com Isabel Dutra, filha do capitão António Silveira Cardoso e Beatriz Machado Jorge, da vila das Lajes. Mais tarde acompanharemos o seu trajecto de vida.



Podemos observar a assinatura de traços grosseiros do alferes António Rodrigues Pereira, comparando-a com a de seus dois filhos sobreviventes. Claramente se verifica que António Silveira não mostra a destreza do traço de seu irmão João Homem da Silveira:



(Assinatura de António Rodrigues Pereira)



(Assinatura de António Silveira)

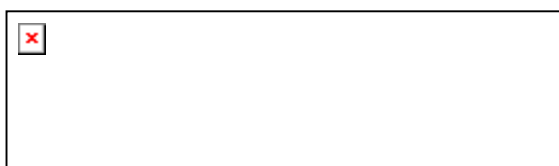
(Assinatura de João Homem da Silveira)

3.3. CASAL 10

QUADRO XIII

Nome	Data/casamento
6^a Geração Ascendente CASAL 10 (Lajes)	
António Silveira Cardoso- capitão	
Beatriz Machado Jorge	
FILHA conhecida	
Isabel Dutra (Tetravó de F.C.)	22-10-1708

Sabemos pelo assento de casamento do casal 5 de tetravós de F. C., que o Capitão António Silveira Cardoso e sua mulher Beatriz Machado Jorge, residentes na vila das Lajes, eram pais de Isabel Dutra, mulher de João Homem da Silveira. Não sabemos deles mais nada, dada a inexistência de registos paroquiais referentes às Lajes, para o período.



Temos, no entanto, a assinatura de António Silveira Cardoso, repetidamente, nos assentos de baptizado da freguesia de S. João:

(Assinatura de António Silveira Cardoso)

3.4. CASAL 13

QUADRO XIV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
6ª Geração Ascendente CASAL 13 (S. João)				
António Rodrigues Frade - alferes	1662 (?)		26-05-1752	Viúvo
Águeda Garcia	08-04-1669		19-02-1742	Casada
FILHOS				
Maria <i>Garcia</i>	1692 (?)	06-07-1711	Lajes	
José <i>Pereira da Rosa</i> (Tetravô de F.C.)	1694 (?)	20-02-1719	28-01-1749	Viúvo
Teresa <i>de Jesus</i>	29-01-1696	16-05-1729	20-10-1765	Casada
Úrsula <i>Antónia</i>	18-10-1700	07-01-1737	16-03-1774	Casada
António <i>Rodrigues Frade</i>	23-12-1703	25-11-1743	31-12-1774	
Manuel	06-11-1705			
Manuel	01-01-1708			
Rosa	03-06-1711		09-10-1715	
Catarina <i>Antónia</i>	15-04-1715	06-12-1742	28-08-1752	Casada

Com a idade de 22 anos ao casamento, Águeda Garcia teria 46 anos ao nascimento do seu último filho. Admitimos que os filhos cujo registo de baptismo não se conhece, Maria e José, tenham nascido em 1692 e 1694, respectivamente, considerando as respectivas datas de casamento e os intervalos intergenésicos seguintes.

As relações sociais do casal expressam-se claramente pelas relações de compadrio que estabelecem. Do primeiro filho de António Rodrigues Frade cujo baptismo se conhece, Teresa, foi padrinho o sargento-mor da Vila das

Lajes, António Pereira de Bettencourt, que será também padrinho de Úrsula, a filha que se segue. A mulher do mesmo, chamado então de *sargento-mor velho*, será madrinha de Rosa e o padrinho será o novo sargento-mor da mesma vila, Alexandre de Sequeira. O capitão Tomé Jorge da Silveira, também das Lajes, será padrinho de António. Luzia dos Anjos, filha do capitão Bartolomeu Cardoso Monteiro, da freguesia da Piedade da mesma ilha, será madrinha de Manuel, segundo de nome. O Padre Matias Cardoso de Bettencourt, da vila das Lajes será padrinho único de Catarina. Águeda Silveira e Margarida Silveira, filhas do alferes António Rodrigues Pereira, já referido como 5º avô de F. C., serão madrinhas de Teresa e António, respectivamente. Maria Vieira, mulher do alferes Manuel Silveira Goulart, filho do capitão Gregório Pereira da Silveira *sénior*, será madrinha de Úrsula. Um filho da mesma madrinha, António da Silveira, será padrinho de Manuel, segundo de nome. Manuel Rodrigues Frade e Grácia de Santo António, filhos de António Rodrigues Frade *sénior*, serão padrinhos de seu sobrinho Manuel, primeiro de nome.

Voltemos a prestar atenção nos apelidos da segunda geração. Enquanto António usa os apelidos do pai, José usa os apelidos *Pereira da Rosa*, apelidos completamente diferentes de *Rodrigues Frade* do pai ou de *Garcia* da mãe. A única filha que usa o apelido Garcia é Maria, a mais velha. A filha Teresa será Teresa de Jesus. Úrsula e Catarina usam, uma e outra, o sobrenome de Antónia, derivado, segundo é de admitir, do primeiro nome do pai. Começa a manifestar-se nesta geração o hábito das mulheres usarem um nome próprio e apenas um sobrenome, este derivado do nome próprio do pai ou da mãe, ou então um nome já composto e anteriormente usado por alguma mulher da família, mãe ou tia, como será bem mais tarde o caso da própria F. C..

Acompanhemos o percurso de vida dos filhos do casal.

António Rodrigues Frade faleceu aos 90 anos segundo o pároco (teria 88 segundo a nossa contagem), foi amortalhado em hábito de S. Francisco de *saial* e teve funeral prestigiado pelo acompanhamento de religiosos de S.

Francisco. Teve ofício, 50 missas por sua alma e 10 missas de tenção. Sua mulher que falecera dez anos antes, aos 72 anos, fora também amortalhada em hábito de saial, acompanhada por quatro religiosos de S. Francisco, tendo por sua alma 160 missas e 12 de tenção. Não sabemos se a redução do número de missas de Águeda Garcia para o seu viúvo tenha tido origem na própria vontade deste, se devido à sua idade muito elevada a transmissão de bens para os filhos ou outra circunstância lhe tenha limitado as possibilidades de testar ou se a crise geral comprometeria esta família. São conhecidas as dificuldades de sobrevivência nas ilhas em meados do século que conduziram à emigração dos *casais* para Santa Catarina no Brasil (1747-1752). Os filhos que morrem na década seguinte voltam a ter um volume de sufrágios comparável ao de Águeda Garcia.

Maria Garcia, a filha mais velha casou, possivelmente antes dos vinte anos, com Manuel Silveira da vila das Lajes e afastou-se da freguesia.

A outra filha que se lhe segue, Teresa de Jesus, casou aos 33 anos com João Garcia de Sousa, filho de João Garcia Sarmento, na altura já falecido, e de Perpétua de Sousa, proprietários. Teve ainda quatro filhos. Morreu aos 69 anos, foi amortalhada em hábito de saial de S. Francisco e acompanhada por dois religiosos do mesmo Convento. Teve ofício por sua alma e 200 missas, sendo 20 de tenção.

Úrsula Antónia casou aos 36 anos com o sargento António Rodrigues da Costa, filho de Manuel Luís da Costa e de Ana Rodrigues, da freguesia da Candelária e morreu em S. João, aos 43 anos, tendo baptizado dois filhos. Foi também amortalhada em hábito de saial, mas teve por sua alma um ofício e apenas 80 missas. Reparemos que o seu óbito se deu em meados da década de quarenta.

A última filha sobrevivente à infância deste casal, Catarina Antónia, foi mãe solteira aos 22 anos e casou cinco anos mais tarde com o sargento António de Brum da Silveira, filho de Manuel de Brum da Silveira e de Catarina

da Silveira, das Lajes. Pela distância entre o nascimento do filho e o casamento não podemos deduzir se António Brum da Silveira seria o pai do seu filho. Morreu nova, aos 37 anos. Fez testamento e sabemos que foi acompanhada à sepultura por dois religiosos de S. Francisco que também assistiram ao ofício por sua alma.

José Pereira da Rosa, tetravô de F. C., terá casado à volta dos 25 anos com Maria Francisca, natural das Lajes, mas moradora em S. João, filha de Amaro Luís Nabo e Maria Cardoso. O casamento realizou-se em S. Bartolomeu, visto *a Igreja estar destruída por um incêndio de fogo que durou meses ardendo em vários locais*. Sabemos também pelo mesmo assento que a família era então moradora à ermida de St. António, local afastado mais de dois quilómetros da zona do incêndio. José Pereira da Rosa terá falecido por volta dos 55 anos e será ainda objecto da nossa atenção.

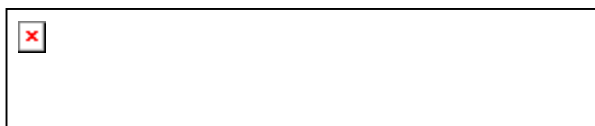
António Rodrigues Frade, o único irmão de José Pereira da Rosa do qual conhecemos sobrevivência à infância³ (admitimos que as duas crianças de nome Manuel tenham falecido logo) casou aos 39 anos com Josefa dos Ramos, de 30 anos, filha de João Garcia Sarmiento e Águeda de S. João, proprietários. Teve quatro filhos. Morreu aos 71 anos, sendo amortalhado em hábito de saial e acompanhado à sepultura por quatro religiosos. No seu testamento deixou 200 por sua alma e mais 30 de tenção.



Conhecemos bem a tosca assinatura do alferes António Rodrigues Frade como testemunha assídua dos actos de baptizado. De seu filho José Pereira da Rosa conhecemos também a assinatura, que assina simplesmente José Pereira:

(Assinatura de António Rodrigues Frade)

³ Admitimos que as duas crianças com nome de Manuel tenham falecido na infância.



(Assinatura de José Pereira da Rosa)

3.5. CASAL 14

QUADRO XV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
6ª Geração Ascendente CASAL 14 (Lajes/S. João)				
Amaro Luís Nabo			02-08-1712	Casado
Maria Cardoso	1670 (?)		07-12-1725	Viúva
FILHOS				
Maria <i>Francisca</i> (Tetravó de F.C.)	1693 (?)	20-09-1719	21-01-1749	Casada
Joana <i>da Conceição</i>	1696 (?)	28-02-1729	Lajes	
Teresa <i>de Jesus</i>	29-01-1696	16-05-1729	20-10-1765	Casada
José Nunes - sargento	11-10-1701	30-05-1830	11-04-1760	Viúvo

A admitir-se como certa a idade de 55 anos atribuída pelo pároco a Maria Cardoso no momento da sua morte, teria o último filho aos 36 anos, o que consideramos uma idade demasiado precoce. Possivelmente Maria Cardoso terá nascido antes. Para Amaro Luís Nabo não foi indicada a idade ao óbito.

Os padrinhos do único filho que o casal baptizou em S. João, José, foram Manuel Álvares e sua irmã Águeda da Boa Morte, filhos de outro Manuel Álvares, das Lajes.

Amaro Luís Nabo, à sua morte, deixou por alma um ofício, 100 missas, sendo 20 de tenção e um anal de responsos. A sua viúva, Maria Cardoso, foi amortalhada em hábito e deixou também por sua alma um ofício, 100 missas, 30 missas de tenção e 10 por alma de seu marido, demonstrando a sua condição de proprietários.

A filha Maria Francisca, como tetravó de F. C., será objecto de atenção posterior.

Joana da Conceição casou com José de Brum, das Lajes, para onde deve ter ido residir.

O sargento José Nunes casou aos 28 anos com Maria Ferreira, de 45 anos. Esta era filha de João Pereira Pires e Maria Alves, que supomos proprietários. Maria Ferreira faleceu aos 70 anos, sem filhos, deixando por sua alma 200 missas e 100 de tenção, além de um ofício e seis missas por alma de seus pais. José Nunes viria a falecer aos 58 anos, deixando por seu testamenteiro seu sobrinho o sargento Leandro Francisco, filho de sua irmã Maria Francisca. Amortalhado em hábito de saial, sabemos que foi acompanhado à sepultura por seis religiosos de S. Francisco e pelos padres Francisco Vieira de Bem, António Vargas Machado e o Beneficiado António Pereira de Bettencourt. Teve por sua alma ofício, 530 missas e mais 200 de tenção, deixando ainda 5 missas pelas Almas do Purgatório, 125 por alma de sua mulher e 100 por seus pais, volume de sufrágios muito pouco usual na freguesia. Já viúvo e *sem herdeiros forçados*, José Nunes beneficiaria particularmente a sua alma.

3.6. CASAL 15

QUADRO XVI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
----------------------	---------------	----------------	--------------------------	--------------

6ª Geração Ascendente CASAL 15 (S. João)				
Gaspar Homem Goulart	1648 (?)		30-10-1728	Viúvo
Maria Cardoso			01-10-1728	Casada
FILHOS				
Manuel <i>Goulart Alvernaz</i>	04-10-1675	21-02-1707	19-09-1737	Casado
Maria <i>Garcia</i>	24-04-1678	31-05-1700	Ribeiras	
Luzia <i>Goulart</i>	11-02-1681	25-11-1717	Candelária	
Águeda <i>Goulart</i>	06-03-1684	07-02-1706	07-09-1753	Viúva
Pedro <i>Gomes</i>	10-08-1686	05-02-1720	20-02-1778	Viúvo
Bárbara <i>Goulart</i>	? -05-1689	03-06-1715	20-02-1760 S. Mateus	
Amaro <i>Homem</i>	03-07-1692	20-05-1715	04-12-1747 S. Mateus	Casado
João <i>Homem Goulart</i> (Tetravô de F.C.)	21-07-1698	20-11-1724	19-07-1762	Casado

Não conhecemos a idade de Águeda Garcia, mas admitimos que tivesse nascido por volta de 1653, dada a data de nascimento do último filho e o espaço alargado que o precede, a indicar envelhecimento da mãe. O seu casamento colocar-se-ia, assim, por volta dos 20-21 anos, idade precoce, que parece mais corrente nesta geração do que na geração seguinte.

As relações preferenciais de compadrio deste casal estabelecem-se com os filhos de Mateus Pereira Sarmento e de sua mulher Isabel Vieira. Desses filhos, José Pereira é padrinho de Maria, Bartolomeu Vieira e Luzia Pereira são padrinhos de Luzia.

A mulher de João Garcia Sarmento, Perpétua de Sousa, e seu filho João Garcia, são padrinhos de Amaro. Outras ligações se estabelecem: de Maria é madrinha Águeda João, mulher de Manuel Nunes; Manuel Rodrigues, Baltazar Vieira e Francisco de Azevedo são padrinhos, respectivamente, de Águeda, de Pedro e de Bárbara; Maria Álvares, mulher de João Pereira Pires, é madrinha

de Águeda; Maria de Oliveira, mulher de Domingos Gonçalves, é madrinha de Pedro; Domingas, filha do alferes António Rodrigues Pereira, é madrinha de João.

Admitimos que alguns destes padrinhos sejam familiares de Gaspar Homem Goulart ou de Águeda Garcia, mas não podemos verificá-lo, dada a deficiente identificação destes.

Reparemos que o filho que mantém os apelidos do pai é o mais novo, João Homem Goulart. O mais velho irá chamar-se Manuel Goulart Alvernaz. Amaro usará apenas o apelido Homem e Pedro será Pedro Gomes Alvernaz. Das filhas, a mais velha usa o apelido da mãe, e chama-se Maria Garcia; Luzia, Águeda e Bárbara usam o apelido Goulart.

Mantém-se a dificuldade em perceber a lógica de transmissão de apelidos de uma geração para a seguinte. O uso do apelido ou apelidos do pai pelo filho mais velho e do apelido da mãe pela filha mais velha, embora frequente, não parece uma regra. Admitimos que o momento tardio em que cada indivíduo é apelidado, quando tem já capacidade para se afirmar socialmente, permita que se deduza, através da aparência física e de outras heranças genéticas, ou mesmo através de dependência ou aproximação afectiva, qual o ascendente de ligação mais forte e esse facto condicione o apelido a usar. Por outro lado, não podemos menosprezar a capacidade de transmissão do seu próprio apelido pelos indivíduos de gerações anteriores socialmente mais afirmativos.

Gaspar Homem Goulart e sua mulher Águeda Garcia, falecidos com intervalo de menos de um mês, deixaram por sua alma o mesmo tipo de sufrágios : um ofício de corpo presente e meio ofício ao cabo de ano e dinheiro para missas, 17.500 réis e 17.000 réis, respectivamente⁴ .Sabemos ainda que Águeda Garcia foi amortalhada em hábito de saial, sinal de favorecimento económico.

⁴ Admitindo que cada missa rondasse 80 réis, daria para cada um mais de 200 missas.

A sobrevivência à infância de todos os filhos batizados, todos eles com acesso ao casamento, parece singular para a época, mas não é uma situação estranha no Sul do Pico.

O filho mais velho, Manuel Goulart Alvernaz casou aos 31 anos com Maria Josefa da Silveira, de 17 anos, filha de José Pereira e Maria da Silveira, proprietários. Tiveram 11 filhos. Manuel Goulart Alvernaz faleceu aos 61 anos e deixou no seu testamento um ofício e 80 missas por sua alma e mais 40 missas de *tenção*.

Maria Garcia casou aos 22 anos com António da Costa, da freguesia das Ribeiras, já viúvo. Veio baptizar um filho a S. João, mas residiria na freguesia do marido.

Luzia Goulart foi mãe solteira aos 30 anos e casou seis anos mais tarde com Manuel Goulart Frade, da Candelária, para onde deve ter ido viver. Reparemos neste novo caso de mãe solteira que casa com um homem de fora, alguns anos depois do nascimento do filho.

Águeda Goulart casou aos 21 anos com o alferes António da Silveira, de 25 anos, filho do alferes António Rodrigues Pereira e de Águeda Goulart. Tiveram oito filhos, seis deles com acesso ao casamento. Faleceu aos 69 anos, já viúva e apenas sabemos que fez testamento.

Pedro Gomes Alvernaz casou aos 35 anos em S. Mateus com Maria Alves. Tiveram quatro filhos, três deles com acesso ao casamento. Ficando viúvo aos 56 anos, voltou a casar aos 68 anos, falecendo com 91 anos. Foi amortalhado em hábito de picote, de menor esmola, e deixou por sua alma um ofício e 80 missas e mais 15 missas de *tenção*.

Bárbara Goulart casou aos 26 anos com Manuel Silveira Goulart, natural de S. Mateus. Baptizou um filho em S. João e depois foi viver para a paróquia do marido, onde faleceu aos 70 anos.

Amaro Homem casou em S. Mateus, aos 22 anos, com Maria Silveira, falecendo nessa freguesia aos 54 anos.

João Homem Goulart, tetravô de F. C., casou também em S. Mateus, aos 26 anos com Teresa da Rosa, natural dessa mesma freguesia, mas veio residir para S. João, onde faleceu aos 63 anos. Acompanharemos o seu trajecto de vida.

Gaspar Homem Goulart não assina, mas deixou a sua marca nos livros paroquiais. Conhecemos a tosca assinatura de seu filho mais velho Manuel Goulart Alvernaz.



(Sinal de Gaspar Homem Goulart)

(Assinatura de Manuel Goulart Alvernaz)

3.7. CASAL 16

QUADRO XVII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
6ª Geração Ascendente CASAL 16 (S. Mateus)				
Francisco Silveira Goulart	1657 (?)		20-01-1717	Viúvo
Maria da Rosa	1659 (?)		20-11-1714	Casada
FILHOS				
António <i>Silveira Goulart</i>	13-12-1688	20-11-	03-11-1747	

		1724		
<i>Maria Silveira</i> (Tetravó de F.C.)	21-12-1689	20-05-1715	01-02-1759	Viúva
<i>Manuel Silveira Goulart</i>	1691 (?)	03-06-1715	01-02-1759	
<i>Inês Silveira</i>	30-04-1693	09-02-1722		
<i>Filipe Silveira</i>	01-05-1695	24-10-1724		
<i>Águeda Silveira</i>	09-07-1698	24-06-1726	10-12-1778	
<i>Teresa da Rosa</i>	30-03-1701	20-11-1724	11-08-1768	

Novamente se verifica, que todos os filhos conhecidos deste casal, em número de sete, tiveram acesso ao casamento. As idades ao casamento, tal como em S. João, são elevadas, num e noutra sexo.

Manuel Silveira Goulart falecido aos 60 anos, segundo indicação do pároco, foi amortalhado em hábito e deixou no seu testamento 100 missas rezadas por sua alma. Sua mulher, Maria da Rosa, que falecera aos 55 anos, foi amortalhada em hábito e deixou por sua alma 100 missas, 20 missas de tenção e 10 tostões à Confraria de Nossa Senhora. A similitude de comportamentos em relação aos sufrágios em S. João e S. Mateus levam-nos a admitir que se trataria de uma família de proprietários.

3.8. CASAL 17

QUADRO XVIII

Nome	Data/ Baptizado	Data/Casamento
6ª Geração Ascendente CASAL 17 (S. Roque)		
Sebastião Ferreira Pimentel	14-10-1629	12-11-1651
Catarina Vaz	27-02-1631	
FILHA conhecida		
Sebastião Ferreira Pimentel (Tetravô de F.C.)	18-04-1655	09-01-1678

3.9. CASAL 18

QUADRO XIX

Nome	Data/ Baptizado	Data/Casamento
6ª Geração Ascendente CASAL 18 (S. Roque)		
Manuel de Simas de Oliveira - capitão		
Leonor Quaresma		
FILHA conhecida		
Madalena de Simas (Tetravó de F.C.)	03-09-1662	09-01-1678

3.10. CASAL 27

QUADRO XX

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
----------------------	------------------	-------------------	--------------------------	-----------------

6ª Geração Ascendente CASAL 27		= (S. João)	7ª Geração Ascendente CASAL 25	
António Rodrigues Frade	1633 (?)		13-12-1703	Casado
Beatriz Luís			04-02-1719	Viúva

4. Quinta Geração ascendente

4.1. CASAL 1

QUADRO XXI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 1 (S. João)				
António de Ávila	1649 (?)		30-04-1709	Casado
Águeda Martins	1659 (?)		26-04-1622	Viúva
FILHOS				
Francisco <i>Martins</i>	? -10-1676	14-02-1707	30-12-1765	Viúvo
Maria <i>de Ávila</i>	26-11-1679	27-05-1695	22-01-1747	Viúva
António <i>de Ávila Valadão</i>	? -10-1683	23-01-1708	06-12-1758	Viúva
Manuel <i>de Ávila Martins</i>	19-09-1688	09-01-1713	16-02-1737	Casado
José <i>de Ávila Martins</i> (Trisavô de F.C.)	10-05-1692	03-11-1727	03-06-1754	Casado

A acreditar na informação do pároco que dá a Águeda Martins a idade de 70 anos à sua morte, ela teria 24 anos ao nascimento do primeiro filho e 40 ao nascimento do último. Os intervalos intergenésicos são bastante alongados, particularmente entre António e Manuel, mas não poderemos afirmar que se trate de *nascimentos perdidos*.

Este casal não parece relacionar-se no mesmo nível social dos ascendentes já conhecidos de F.C.. O padrinho de Francisco é António

Rodrigues, filho de Amaro Rodrigues e Maria Marques, família que não evidencia sinais de riqueza. A madrinha do mesmo é Ana Dias, filha de Francisco Martins e Maria Cardoso, que faleceu solteira e pobre.

Manuel Nunes e Águeda de Oliveira, mulher de Francisco Gomes, são padrinhos de Maria. Não sabemos se seriam proprietários, na medida em que se afastaram de S. João após a crise vulcânica, sem que tenhamos acesso às informações dos respectivos registos de óbito.

Padrinho de António foi Simão Dias, da vila das Lajes, sendo madrinha Luzia Pereira, que não identificamos.

José Pereira, filho de Manuel Vieira Madruga, proprietário já falecido, e de sua mulher Maria Pereira é padrinho de Manuel. No entanto, a madrinha, Maria Pereira, mulher de Manuel Silveira, pertence a uma família pobre.

António Rodrigues Frade, quinto avô de F. C., então ainda solteiro, será padrinho de José, trisavô da mesma. Não é referida madrinha.

Interessante verificar que, contrariando o hábito, o filho mais velho deste casal usa o apelido da mãe e a filha mais velha o do pai. Não sabemos a origem do apelido Valadão usado pelo terceiro filho. Os filhos mais novos usam o apelido do pai em primeiro lugar e o da mãe em segundo. Repare-se na apelação *Ávila Martins* que encontramos hoje nos netos de F. C..

Comprovando o posicionamento desta família num nível social médio, António de Ávila foi amortalhado em hábito e teve por sua alma um ofício, 30 missas e um anal de resposos; sua viúva foi também amortalhada em hábito, fez testamento, mas *a sua terça não chegou para os legados*.

Nesta família todos os filhos, à excepção de José, tiveram acesso ao casamento em idade relativamente precoce. Todos casaram na freguesia.

Acompanhando o percurso de vida de Francisco Martins, o filho mais velho, verificamos que casou aos 20 anos com Maria Homem, de 14. Tiveram onze filhos, conhecendo-se o casamento de seis. Francisco Martins faleceu aos 89 anos e foi amortalhado em hábito de saial, denotando pelos sufrágios

condição de proprietário. Sua mulher, falecida três anos depois, foi também amortalhada em hábito de saial, teve enterro prestigiado pelo acompanhamento de dois religiosos e o mesmo volume de sufrágios do marido.

Maria de Ávila casou aos 15 anos com Francisco Pereira Tomás, de 22. Tiveram oito filhos, seis deles com acesso ao casamento. Falecida já viúva aos 67 anos, Maria de Ávila não mostra a prosperidade de seu irmão. Foi amortalhada em hábito de picote e teve por sua alma meio ofício, 30 missas rezadas e mais de 10 de tenção.

António de Ávila Valadão casou aos 24 anos com Maria Vieira Madruga, de 23 anos. Conhecemo-lhes onze filhos, mas só cinco acederam ao casamento em S. João. Ao falecer viúvo aos 75 anos foi amortalhado em hábito de picote, teve ofício por sua alma e mais 30 missas, além de dez missas de tenção.

Manuel de Ávila Martins casou aos 24 anos com Maria de Simas, natural das Lajes. Conhecemo-lhes seis filhos, mas admitimos que nascessem mais na freguesia da mulher. Faleceu aos 48 anos e o volume de sufrágios não faz supor a posse de bens superiores à média. A sua viúva, falecida quarenta anos mais tarde, foi amortalhada em hábito de saial e teve acompanhamento de dois clérigos de missa.

José de Ávila Martins, o ascendente de F. C., casou bem mais tarde do que os irmãos, aos 35 anos, com Teresa da Conceição, de 22. Acompanharemos o seu percurso de vida.

Não encontramos a assinatura de António de Ávila em nenhum acto de testemunho.

4.2. CASAL 2

QUADRO XXII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 2 (S. João)				
Mateus Rodrigues Pais	23-11-1676		13-03-1746	Casado
Teresa da Conceição	1686 (?)		31-12-1756	Viúva
FILHOS				
<i>Teresa da Conceição</i> (Trisavó de F.C.)	15-06-1705	03-11-1727	24-12-1786	Viúva
<i>José Rodrigues Goulart</i>	30-05-1708		16-04-1786	Solteiro
Micaela	16-08-1711			
Francisco	29-10-1712			
Francisco	30-03-1715			
<i>Maria Teresa</i>	19-07-1718		03-11-1794	Solteira
<i>Ana Maria</i>	11-03-1721		08-01-1803	Solteira
Mateus Rodrigues Pais - sargento	20-07-1723	16-01-1758	10-06-1787	Casado
<i>Rita Maria</i>	04-02-1726		15-03-1783	Solteira
<i>Lourenço Rodrigues</i>	09-08-1728	22-05-1749		
Manuel	24-03-1731			
Isabel	05-04-1735			

Esta família não foi perturbada no seu ritmo reprodutivo pela instabilidade envolvente. O pároco atribuiu a Teresa da Conceição, natural da Madalena, *mais ou menos* 70 anos, na altura da sua morte, o que daria a idade de 48 para 49 anos ao nascimento do último filho. Não deveria ter muito menos, dado que acompanhamos o nascimento dos seus 12 filhos ao longo de trinta anos.

As relações de compadrio deste casal estabelecem-se claramente com parentes próximos ou pessoas socialmente prestigiadas.

Para padrinho do seu primeiro filho é escolhido Mateus de Serpa, filho de outro Mateus de Serpa, da freguesia da Madalena, que supomos parente da

mãe⁵. Para madrinha do mesmo é escolhida a avó paterna, Maria Pereira, mulher de Francisco Vieira Goulart. Este será padrinho de Francisco, primeiro de nome. O filho dos mesmos, tio paterno da criança, o sargento José Pereira Goulart é padrinho de José e de Micaela. Sua mulher, Ana da Conceição, é madrinha de Francisco, segundo de nome. Outro tio, o alferes Manuel Francisco Vieira, será padrinho de Isabel, enquanto sua mulher havia sido madrinha de Micaela.

Sem identificarmos relações de parentesco, como padrinho único de Maria, encontramos José Pereira da Rosa, filho do alferes António Rodrigues Frade e de Águeda Garcia (casal 13 de tetravós de F. C.). Teresa de Jesus, filha do então já falecido António Vieira Madruga, proprietário, será madrinha de Mateus. Filhos de João Garcia Sarmento e Perpétua de Sousa, também proprietários, serão escolhidos para compadres: José Garcia Sarmento será padrinho de Rita, enquanto sua irmã, Águeda Garcia, havia sido madrinha de Ana. Uma cunhada dos mesmos, Águeda de S. João, mulher de João Garcia Sarmento, homónimo do pai, será madrinha de Lourenço. Catarina Vieira, filha de Baltazar Fernandes Frade e Bárbara Vieira (casal de tetravós de F. C.) será madrinha de Isabel.

Encontramos ainda a irmã do Vigário António da Silveira Machado, de nome Luzia dos Anjos, como madrinha de Francisco, primeiro de nome. Lázaro Pereira Cardoso, da freguesia da Piedade, é padrinho de Lourenço.

Reparemos que a filha mais velha do casal usa o mesmo nome da mãe, Teresa da Conceição. A filha Maria, é conhecida por Maria Teresa, usando como sobrenome o primeiro nome da mãe. As outras duas filhas que conhecemos como sobreviventes à infância são Ana Maria e Rita Maria. Nenhum delas usa apelidos familiares.

O filho José, que faleceu solteiro, usa os apelidos de Rodrigues Goulart, sendo Rodrigues usado pelo avô e Goulart pela avó, paternos. Mateus e Lourenço, os filhos dos quais conhecemos casamento, são, como o pai, Rodrigues Pais.

⁵ Encontramos na freguesia da Madalena um Mateus de Serpa casado com Maria do Amaral a baptizar filhos que conhecemos a partir de 17 de Junho de 1683, mas não há registo posterior de uma filha Teresa.

Mateus Rodrigues Pais não mostra poder económico superior à média na altura do seu falecimento, aos 69 anos⁶. Foi amortalhado em hábito de picote e deixou por sua alma apenas meio ofício, 40 missas rezadas e dez de tenção. Recordemos que seu pai, falecido trinta anos antes, tivera por sua alma dois ofícios e mais de 100 missas. São de admitir dificuldades numa família numerosa, em fase de crescimento e eventualmente afectada pela crise vulcânica, mas não deixamos de continuar a considerar o momento de crise que se vivia nos Açores em meados do século, condicionando diligências para transladar à custa do erário público um volume importante de casais para Santa Catarina no Brasil.

Teresa da Conceição, falecida aos 70 anos, segundo o pároco, já foi acompanhada por dois religiosos de S. Francisco, teve ofício inteiro, 80 missas por alma e mais 20 de tenção. Os filhos que morrem solteiros mostrarão ainda mais um poder económico que não parecia favorecer a família em 1746.

A contenção no campo da nupcialidade e a emigração poderão ter sido factores de favorecimento. De facto, apesar de um tão grande número de filhos, só identificamos ao casamento três deles. Quatro faleceram solteiros, situação pouco comum na fase anterior a 1718. É pouco provável que os restantes cinco tenham falecido na infância. Como nome repetido ao baptismo apenas encontramos o de Francisco, embora o registo de óbitos de menores se processe no período.

A filha homónima da mãe, Teresa da Conceição, casou aos 22 anos, com José de Ávila Martins. Seguiremos depois o seu trajecto de vida.

O sargento Mateus Rodrigues Pais casou aos 24, já depois da morte dos pais, com Maria Antónia, de 18 anos, filha do sargento António Vieira Sarmento e de Isabel Goulart, proprietários. Falecida a mulher em 24 de Setembro de 1763, que lhe dera dois filhos, voltou a casar com Isabel da Conceição Goulart, de 21 anos, filha de Francisco Vieira de Ávila e Teresa da

⁶ A idade referida ao óbito de Mateus Rodrigues Pais foi de 60 anos, mas pensamos que teria 69 anos.

Conceição, também proprietários. Teve do segundo casamento mais nove filhos. À sua morte, aos 63 anos, depois de *vários meses sem sentidos*, Mateus Rodrigues Pais foi amortalhado em hábito de saial. Tinha feito testamento, deixando por sua alma 130 missas rezadas e 12 de tenção, além de uma ao Anjo da Guarda e outra ao santo do nome. A sua mulher sobreviveu-lhe até 12 de Novembro de 1803, tendo apenas por sua alma meio ofício, 35 missas rezadas e 20 de tenção e uma ao Santo do nome.

O outro filho, Lourenço Rodrigues, casou aos 20 anos em S. João com Catarina Francisca, da Prainha do Norte, filha natural de Maria de Sousa. Não sabemos posteriormente o seu destino.

Dos filhos de Mateus Rodrigues Pais e Teresa da Conceição que não chegaram a casar, José Rodrigues Goulart faleceu a abeirar os 78 anos. Tinha feito testamento em que deixava 260 missas rezadas por sua alma, além de outras intenções⁷. Foi amortalhado em hábito de saial.

Rita Maria havia falecido aos 57 anos em 15 de Março de 1783, tendo sido acompanhada por dois religiosos e deixando em testamento também 260 missas rezadas.

Maria Teresa, que faleceu em 3 de Novembro de 1794, aos 76 anos, teve também dois religiosos a acompanhá-la à sepultura e 270 missas por sua alma, além de missas por outras intenções.

Finalmente, Ana Maria, falecida em 8 de Janeiro de 1803, aos 81 anos, determinou no seu testamento o mesmos sufrágios de Maria Teresa.

Embora possamos admitir que, no caso de indivíduos sem *herdeiros forçados* os benefícios da alma se encontrem avolumados, achamos curiosa a sobriedade dos sufrágios de Mateus Rodrigues Pais, comparativamente aos seus filhos solteiros três décadas mais tarde.

4.3. CASAL 5

⁷ Deixou 20 missas de tenção, uma ao Anjo da Guarda, uma a S. João, uma à Senhora do Rosário, uma a Santa Ana e outra a Santa Rita.

QUADRO XXIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 5 (S. João)				
João Homem da Silveira - capitão	02-04-1687	22-10-1708	13-09-1760	Viúvo
Teresa da Conceição			Lajes	
FILHOS conhecidos				
<i>António Silveira de Ávila</i> (Trisavô de F. C.)	02-09-1709		14-08-1787	Viúvo
<i>Francisca Catarina da Silveira</i>	17-09-1717	25-09-1747	05-10-1782	Casada
Mécia	17-09-1723			

João Homem da Silveira e sua mulher Isabel Dutra, ou Isabel de Santo António, residiam nas Lajes, embora viessem baptizar três dos seus filhos a S. João. À excepção de Gaspar Homem da Silveira, morador em S. Mateus, que foi padrinho de Francisca, todos os padrinhos e madrinhas escolhidos eram residentes nas Lajes, sobressaindo os familiares do capitão-mor e do sargento-mor da referida vila.

Não conhecemos o óbito de Isabel Dutra. Sabemos só que seu marido casou com Maria Josefa da Conceição, natural da Candelária, de quem teve filhos, sendo ainda residente nas Lajes. Só em 1743, ao baptizado do seu último filho conhecido, temos informação de que residiria em S. João. Admitimos que a sua acção nas milícias implicasse a residência na vila.

QUADRO XXIV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
CASAL 5 - A - 2 (Afim à 5ª Geração Ascendente) (S. João)				
João Homem da Silveira - capitão	02-04-1687		13-09-1760	Viúvo
Maria Josefa da Conceição			21-07-1755	Casada

FILHOS conhecidos				
António de Ávila Peixoto- padre	14-11-1732		14-09-1788	Padre
José de Ávila Peixoto	1635 (?)		01-06-1758	Solteiro
Josefa Inácia Peixoto da Silveira	24-06-1738	10-01-1764	11-11-1769	Casada
Vicente António de Ávila Peixoto	24-09-1743			

Também foram procurados padrinhos de fora da paróquia para os filhos do segundo casamento do Capitão João Homem da Silveira. De Josefa, por exemplo, foram padrinhos, por procuração, o Padre Beneficiado Tomás Alexandre e D. Jacinta, esta sem indicação de apelidos, ambos moradores nas Lajes. De Vicente foram padrinhos Tomás António e Rosa Maria, filhos de Manuel de Ávila Peixoto, morador em Castelo Branco, da Ilha do Faial. Este Manuel de Ávila Peixoto será o irmão de João Homem da Silveira, baptizado como Manuel, cujo destino desconhecemos? É intrigante que filhos de João Homem da Silveira usem predominantemente os apelidos Ávila e Peixoto.

De facto, o apelido do filho mais velho de João Homem da Silveira e Isabel Dutra é António Silveira de Ávila, sem que possamos perceber a origem do apelido Ávila. Nem a mãe nem o pai usam esse apelido, nem os avós paternos ou maternos de qualquer dos sexos. A filha que sabemos sobrevivente é Francisca Catarina da Silveira⁸, repetindo-se depois, nas gerações seguintes o nome de Francisca Catarina. Da filha Mécia não temos notícia posterior, apenas conhecendo o seu nome próprio pouco comum.

Os filhos do casamento de João Homem da Silveira com Maria Josefa da Conceição, usam todos o apelido Peixoto. Assim, António e José são Ávila Peixoto; o nome completo da filha é Josefa Inácia Peixoto da Silveira⁹. O filho mais novo é Vicente António da Silveira Peixoto, sem uso do apelido Ávila.

João Homem da Silveira, por sua morte, aos 73 anos, foi amortalhado em hábito de saial e acompanhado por dois religiosos e pelos irmãos da Santa

⁸ Francisca Catarina será depois um nome recorrente nas gerações seguintes até chegar à Francisca catarina que focalizamos particularmente neste trabalho.

⁹ Iremos reparar mais tarde que o nome Inácia será também um nome recorrente na família. Um século mais tarde será usado pela mãe de Francisca Catarina, e depois será usado pelas suas duas filhas.

Casa da Misericórdia (das Lajes)¹⁰. Seu filho padre foi testamenteiro. Deixou um ofício e 60 missas por sua alma e mais 10 missas de tenção. Sua mulher, Maria Josefa da Conceição que falecera em 21 de Julho de 1755, aos 56 anos, segundo o pároco, foi também acompanhada por dois religiosos e teve por alma 70 missas e 10 de tenção, além do ofício. Mais uma vez notamos na geração que sofreu mais directamente o impacto da crise de 1718/20, uma retracção no volume de sufrágios relativamente à geração anterior e relativamente à seguinte.

O filho António Silveira de Ávila casou com Anastácia Jacinta da Vitória, natural da freguesia dos Flamengos, da ilha do Faial, sendo objecto de observação posterior.

Francisca Catarina da Silveira casou aos 30 anos com Manuel Silveira de Sousa, de 24 anos, filho do alferes António Silveira Goulart e de Inês de Sousa, seu parente em 4º grau de consanguinidade. Tiveram três filhos. Francisca Catarina da Silveira faleceu aos 65 anos. Fez testamento, deixando por sua alma 250 missas rezadas e 60 de tenção. Foi amortalhada em hábito de saial e acompanhada por quatro religiosos de missa. Teve ofício de corpo presente incensado. Seu marido que lhe sobreviveu até 21 de Março de 1802, teve por sua alma sufrágios no mesmo nível.

O Reverendo Padre António de Ávila Peixoto, Reitor da Igreja de S. João, falecido aos 55 anos, foi acompanhado à sepultura por 12 religiosos, o funeral de maior pompa que havíamos encontrado até ao momento. Fez testamento, deixando 500 missas rezadas e 800 de tenção¹¹, além de 50 missas pela alma de seus pais, uma ao Anjo da Guarda, outra ao Santo do

¹⁰ O capitão João Homem da Silveira era senhor de uma escrava de nome Vitória que baptizou um filho em S. João em 1738, altura em que ainda residiam nas Lajes. Esse filho que tomou o nome de Leandro Francisco viria a casar com uma mulher livre de S. João, Josefa Maria, em 1765, sendo então seu senhor o padre António de Ávila Peixoto. Em 1774 o mesmo escravo estaria já liberto.

¹¹ Admitimos que as missas de tenção tenham a ver com missas pagas por devotos e ainda não cumpridas, ou com outras culpas que se procuraram remir.

Nome e ainda outra a S. Nicolau. Testamenteiro foi seu irmão Vicente António da Silveira Peixoto.

José de Ávila Peixoto, segundo o pároco¹², faleceu solteiro aos 25 anos, ainda em vida do pai. Teve ofício de corpo presente e acompanhamento de 3 religiosos franciscanos.

Josefa Inácia Peixoto da Silveira casou aos 25 anos com José Francisco Cardoso da Silveira, natural das Lajes. Morreu cedo, aos 31 anos, tendo tido dois filhos, cujo destino desconhecemos. Foi amortalhada em hábito de saial, deixando em testamento 100 missas, sendo 50 por sua alma e 50 de tenção.

Não sabemos o destino de Vicente António da Silveira Peixoto.

4.4. CASAL 7

QUADRO XXV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 7 (S. João)				
José Pereira da Rosa	1694 (?)		28-01-1749	Viúvo
Maria Francisca	1693 (?)	20-02-1719	21-01-1749	Casada
FILHOS conhecidos				
António	09-07-1720			
José <i>Francisco</i>	03-04-1723			
Tomás	18-10-1726			
Leandro Francisco (Trisavô de F.C.)	05-01-1729	27-06-1757	20-02-1811	Casado
Josefa	04-02-1734		20-02-1749	Solteira
Estêvão	22-12-1737			

¹² Pensamos que teria 23 somente.

José Pereira da Rosa e sua mulher escolhem para padrinhos de seus filhos familiares próximos, mas também proprietários da freguesia e pessoas de fora, nomeadamente das Lajes e da freguesia das Angústias, da ilha do Faial, mostrando uma rede de relações alargada.

Poderíamos verificar, na circunstância, que a madrinha do filho mais velho foi a tia paterna Teresa de S. Boaventura, conhecida depois por Teresa de Jesus, sendo padrinho o alferes Manuel Francisco Pereira. A madrinha de José foi a tia materna Joana Pereira, enquanto o padrinho vinha das Lajes. Das Angústias foram os padrinhos de Josefa.

Também neste casal notamos maiores dificuldades numa afirmação clara de poder económico no momento da morte, comparativamente à situação vivida pela geração anterior. Maria Francisca, apesar de amortalhada em hábito de saial e acompanhada por dois religiosos de S. Francisco, deixa apenas por sua alma um ofício e 60 missas e mais 10 missas de tenção. José Pereira da Rosa acompanhando-a na morte sete dias depois, teve exactamente o mesmo acompanhamento e o mesmo volume de sufrágios. Repare-se que José Pereira da Rosa faleceu antes de seu pai, António Rodrigues Frade.

Dos cinco filhos do sexo masculino de José Pereira da Rosa e Maria Francisca apenas conhecemos o óbito de Leandro. Sabemos que José sobreviveu à infância porque o encontramos em 3 de Outubro de 1749 como pai de uma criança de nome José, filho de Rita Josefa, mulher solteira, então com 25 anos. Esta casou ano e meio mais tarde com outro homem. De José Francisco não temos mais notícia.

Estêvão também sobreviveu, sendo padrinho de um sobrinho, filho de Leandro Francisco, em 1760.

Admitimos que António e Tomás tenham também sobrevivido e depois se afastado da paróquia.

Josefa faleceu aos 15 anos, em data muito próxima do falecimento dos pais. A mãe falecera em 21 de Janeiro, o pai em 28 do mesmo mês e

Josefa em 20 de Fevereiro seguinte, encontrando-se o registo dos seus óbitos em três assentos seguidos no livro de defuntos.

Leandro Francisco merecerá a nossa atenção mais tarde como ascendente de F.C..

De uma forma diferente do que estávamos habituados a observar, nesta família apenas conhecemos um filho com acesso ao casamento. A emigração parece então muito mais presente.

4.5. CASAL 8

QUADRO XXV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 2 (S. João)				
João Homem Goulart	21-07-1698	20-11-1724	19-07-1762	Casado
Teresa da Rosa	30-03-1701	(S.Mateus)	11-08-1768	Viúva
FILHOS				
Maria <i>Teresa da Rosa</i>	03-09-1728	21-11-1763	24-06-1788	Casada
Manuel	10-09-1732		15-06-1733	Criança
Teresa <i>da Rosa</i> (Trisavó de F.C.)	11-05-1734	27-06-1757	17-01-1717	Viúva
Inês <i>Francisca Teresa</i>	08-11-1739	20-02-1775	26-03-1815 (S. Mateus)	Viúva

O casal realizou o seu casamento em S. Mateus, paróquia de naturalidade da noiva. Maria Francisca teve quase quatro anos à espera de ter filhos. Depois os intervalos entre os nascimentos são muito alargados, mas regulares, o que arreda a suspeita de nascimentos perdidos. Ao nascimento da última filha, teria 39 anos.

Os padrinhos de três dos seus quatro filhos eram residentes em S. Mateus, sendo o padrinho e madrinha da filha mais velha um tio e uma tia maternos. Só para Teresa escolheram dois jovens da freguesia para padrinhos.

Reparemos que todas as filhas usam o nome ou sobrenome de Teresa, nome próprio da mãe. Este comportamento é frequente no período. Sendo a mãe de nome diferente de Maria, a filha mais velha é Maria, usando como sobrenome o nome próprio da mãe e outra filha que se lhe segue usa o nome da mãe.

João Homem Goulart faleceu a abeirar os 64 anos e teve sufrágios correntes de proprietário. Numa família com apenas três filhas sobreviventes, duas delas casadas tardiamente, a conservação do estatuto de nascimento poderia ter sido facilitada. Fez testamento, sendo amortalhado em hábito de saial e deixando por sua alma um ofício, 110 missas por sua alma e mais 20 de tenção, mais uma missa ao Anjo da Guarda e outra à Senhora do Rosário.

A sua viúva, Teresa da Rosa, faleceu seis anos mais tarde, aos 67 anos. Foi também amortalhada em hábito de saial e sabemos que fez testamento deixando por testamenteira a sua filha mais velha, então casada com João Pereira do Amaral.

De facto, Maria Teresa da Rosa casou aos 35 anos com João Pereira do Amaral, que teria 50 anos, filho de Lucas do Amaral e Águeda Pereira, que supomos proprietários. Teve duas filhas. Falecido o marido em 30 de Novembro de 1775, voltou a casar em 14 de Julho de 1777, aos 48 anos, com Manuel Leal Ferreira, também viúvo e de 51 anos. Maria Teresa faleceu aos 59 anos, foi amortalhada em hábito de saial e teve por sua alma 100 missas e 20 missas de tenção, deixando ainda uma missa ao Anjo da Guarda, três por alma de seu primeiro marido e duas por seus pais.

Teresa da Rosa, que casou aos 23 anos com Leandro Francisco, tendo registado uma filha do seu *esposo* 16 dias antes do casamento, será objecto de atenção posterior, como trisavó de F. C..

Inês Francisca/Teresa casou aos 35 anos com Manuel Correia de Melo, de S. Mateus, paróquia onde viria a falecer aos 75 anos.

4.6. CASAL 9

QUADRO XXVI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 9 (S. Roque)				
Sebastião Ferreira Pimentel	18-04-1655	09-01-1678		
Beatriz Luís	03-09-1662			
FILHO conhecido				
Francisco <i>de Simas</i> (Trisavô de F.C.)	08-02.1693	11-11-1721	26-01-1769	Viúvo

4.7. CASAL 10

QUADRO XXVII

Nome/cargo/profissão	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 10 (Lajes)			
Manuel Leal			
Catarina Silveira			
FILHA conhecida			
Isabel Silveira (Trisavó de F.C.)	11-11-1721	26-01-1769	Viúva

Sabemos que a trisavó de F. C., Isabel Silveira, era natural das Lajes e ao seu casamento, em 11 de Novembro de 1721, seu pai, Manuel de Ávila, era

já falecido, e sua mãe, Catarina Silveira, ainda viva. Não dispomos de outras informações.

4.8. CASAL 11

QUADRO XXVIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente				
CASAL 13				
(S. João)				
Manuel Silveira Goulart	1653 (?)		12-11-1728	Casado
Maria Vieira	1660 (?)		15-12-1734	Viúva
FILHOS				
<i>António da Silveira Goulart- alferes</i>	10-09-1680	17-11- 1710	13-11-1738	Casado
<i>Maria Silveira</i>	22-02- 1682	08-10- 1703	18-08-1713	Casada
Mateus	26-08-1685			
<i>Pedro Gomes</i>	25-05-1687		12-11-1687	Solteiro
Manuel da Silveira Goulart (Trisavô de F.C.)	1690 (?)	28-08- 1724	31-07-1767	Viúvo
<i>Águeda Silveira</i>	1692 (?)	24-11- 1715	03-09-1769	Viúva
Francisco	1695 (?)		13-10-1701	Criança
Sebastião	27-08-1699			

O pároco indica como idade (arredondada) ao óbito de Maria Vieira, natural das Lajes, os 70 anos, o que remeteria a data do seu nascimento para 1664. Acreditamos que teria nascido pelo menos em 1660. Repare-se que o primeiro filho nasce em 1680 e o último em 1699, sendo pouco crível que tivesse então 16 e 35 anos, respectivamente.

Dado Maria Vieira ser natural das Lajes, admitimos que os seus filhos Francisco, Águeda e Manuel aí tenham sido registados. Pelas idades relativas dos respectivos óbitos atribuímo-lhes uma ordem de nascimento.

Na segunda geração verificamos que os apelidos do pai, Silveira Goulart, se mantém para os homens e só Silveira para as mulheres. Apenas Pedro, falecido solteiro aos 24 anos, usava estranhamente o apelido Gomes. Não há utilização do apelido Vieira da mãe. Parece-nos comum esta situação. Sendo um dos cônjuges de fora, há maior tendência para o uso na segunda geração dos apelidos usados pelo cônjuge natural da freguesia.

Manuel Silveira Goulart faleceu em 12 de Novembro de 1728, aos 75 anos, segundo o pároco. Amortalhado em hábito de saial teve por sua alma um ofício e 30.000 réis de missas, além de 12 de tenção. A sua viúva, falecida em 15 de Dezembro de 1734, foi também amortalhada em hábito de saial, mas teve apenas por sua alma um ofício e 6.000 réis de missas.

O filho António da Silveira Goulart, que ocupou o posto de alferes, casou aos 20 anos com Inês de Sousa, filha de João Garcia Sarmento e Perpétua de Sousa, proprietários que já identificámos anteriormente, como relacionados por compadrio com ascendentes de F. C.. Faleceu aos 58 anos, sem ter feito testamento, sendo-lhe atribuídos 23.100 réis para legados. A sua viúva fez testamento, deixando um ofício e 200 missas por sua alma e 30 missas de tenção.

Maria Silveira casou aos 21 anos, com Francisco Nunes de Abreu, filho de Francisco Nunes de Abreu e Águeda João. Deve ter feito um casamento abaixo do nível económico da própria família. Ao falecer cedo, aos 31 anos, antes da morte dos pais, deixando cinco filhos, apenas teve por sua alma um ofício, 15 missas e 5 de tenção.

Pedro Gomes, ao seu óbito, sendo *filho famílias*, teve por sua alma um ofício e 20 missas.

A aceitar-se a ordem de nascimentos, Águeda Silveira terá casado por volta dos 23 anos com Manuel Garcia Sarmento, filho de João Garcia Sarmento e Perpétua de Sousa, irmão da sua cunhada Inês de Sousa. O marido faleceu cedo, logo em 10 de Setembro de 1735. Águeda Silveira à sua morte deixou

em testamento um ofício, 60 missas por sua alma, 8 de tenção e uma ao Anjo da Guarda, não se aproximando claramente do grupo dos mais favorecidos.

Manuel da Silveira Goulart, trisavô de F. C. casou, segundo supomos, bem mais tardiamente do que os irmãos, com Teresa de S. José, filha de Baltazar Fernandes e Bárbara Vieira, sendo mais tarde considerado o seu percurso de vida.

Morrendo Francisco aos seis anos, não sabemos o destino de Mateus ou Sebastião.

4.9. CASAL 14

QUADRO XXIX

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
5ª Geração Ascendente CASAL 14 (S. João)				
Baltazar Fernandes Frade	19-03-1659	05-01-1695	29-12-1741	Casado
Bárbara Vieira	09-12-1676		14-12-1751	Viúva
FILHOS				
Baltazar	25-02-1697			
Teresa	30-05-1698			
<i>João Pereira de Bem</i>	18-09-1699		16-05-1752	Solteiro
Teresa de S. José (Trisavó de F.C.)	19-03-1701	28-08-1724	03-07-1762	Casada
<i>Isabel Goulart</i>	26-12-1702	19-01-1726	05-01-1773	Viúva
<i>Catarina Vieira</i>	18-08-1704		20-08-1778	Solteira
<i>Francisco Vieira de Bem - padre</i>	16-11-1706		12-04-1776	Padre
<i>José Vieira de Bem</i>	08-03-1714	21-11-1757	23-10-1778	Casado

QUADRO XXX

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
CASAL 14-B-1 (Afim à 5ª Geração Ascendente) (S. João)				
Manuel Goulart				
Bárbara Vieira	09-12-1676		14-12-1751	Viúva
FILHOS				
Manuel <i>Goulart</i>	1690 (?)		23-02-1721	Solteiro
Maria <i>Homem</i>	15-08-1692	14-02-1707	06-08-1768	

Não conhecemos o registo de óbito de Manuel Goulart, primeiro marido de Bárbara Vieira. Esta, tendo o seu último filho em 1714, com intervalo intergenésico alargado, poderia ter então mais de 45 anos, o que poderia remeter para 1669 o seu nascimento. Assim, teria menos de 25 anos quando enviuvou, casando pouco depois com Baltazar Fernandes Frade.

Dos filhos do primeiro casamento de Bárbara Vieira sabemos que Manuel caiu ao mar e não apareceu. Foi-lhe feito por alma um ofício e atribuídos 3.000 réis de missas.

A filha, Maria Homem, cujo apelido não tem ligação visível com o pai ou com a mãe, casou aos 14 anos com Francisco Martins, filho de António de Ávila e Águeda Martins, (estes últimos constituindo o casal 1 de tetravós de F.C.). Teve 11 filhos e o seu nível económico permite-lhe que à sua morte, a abeirar os 76 anos, seja amortalhada em hábito de saial, tenha acompanhamento de dois religiosos, um ofício, uma missa cantada, 29.000 réis de missas e mais 15 de tenção. Seu marido, falecido três anos antes, tivera o mesmo volume de sufrágios.

Repare-se na idade precoce ao casamento de Maria Homem, sendo orfã de pai e tendo padrasto.

Os compadres escolhidos por Baltazar Rodrigues Frade e sua mulher são também, predominantemente, familiares próximos e pessoas de prestígio da vila das Lajes e da própria freguesia. Assim, de Baltazar, filho mais velho, é

padrinho o sargento-mor da vila das Lajes, António Pereira de Bettencourt, que será também padrinho de Catarina. Madrinha do mesmo é Catarina da Conceição, conhecida mais tarde por Catarina Antónia, tia paterna. O tio paterno António Rodrigues Frade é padrinho de Teresa, sendo madrinha a mulher do referido sargento-mor. Do terceiro filho ambos os compadres são das Lajes. Outro tio paterno, Manuel Rodrigues Frade, será padrinho de Isabel. Margarida da Silveira, filha do alferes António Rodrigues Pereira (5º avô de F. C.) será madrinha de Isabel e de Catarina. Os alferes Manuel Francisco e António da Silveira Goulart serão ainda compadres.

Os filhos de Baltazar Fernandes Frade e Bárbara Vieira usam predominantemente o apelido Vieira, ao qual Francisco e José vão juntar a designação de Bem, ficando Vieira de Bem. João é Pereira de Bem e Isabel é Isabel Goulart, sem ligação aos pais, ou aos avós conhecidos. Teresa, nascendo em dia de S. José é Teresa de S. José.

Baltazar Fernandes Frade faleceu aos 82 anos. Foi amortalhado em hábito de saial, e acompanhado por dois religiosos de S. Francisco. Nomeia como herdeiros apenas os seus três filhos então solteiros, João, Catarina e José, podendo significar que dotara as filhas casadas e atribuíra um património ao filho padre, dotes e património supostamente equivalentes às respectivas legítimas. Teve 40 missas por alma e 10 de tenção, sendo mais oito missas ditas nos oito anos seguintes. Como se verifica, também neste caso, o número de missas não atinge o volume comum nesta família na geração anterior.

A sua viúva, Bárbara Vieira, falecendo dez anos mais tarde, fez testamento e foi acompanhada por 8 religiosos de S. Francisco. Não há outra informação pertinente no seu registo de óbito, mas admitimos que a circunstância de ter um filho padre tenha facilitado um funeral mais prestigiado.

Os dois primeiros filhos de Baltazar Fernandes Frade e Bárbara Vieira, Baltazar e Teresa, devem ter falecido nos primeiros meses de vida. Os dois

primeiros intervalos intergenésicos são curtos e o nome de Teresa repete-se posteriormente.

João Pereira da Rosa faleceu solteiro aos 52 anos. Sabemos apenas que foi amortilhado em hábito de saial e que teve um ofício por sua alma.

Teresa de S. José casaria aos 23 anos com Manuel Silveira Goulart, casal 7 de trisavós de F. C., que será objecto mais tarde da nossa atenção.

Isabel Goulart casou aos 23 anos com Francisco Silveira Cardoso, a abeirar os 28 anos, filho de Francisco Silveira Goulart e Mariana de Boim, proprietários. O marido morreu no mar em 3 de Outubro de 1727 e Isabel Goulart voltou a casar em 9 de Fevereiro do ano seguinte com o sargento António Vieira Sarmento, natural das Lajes. Havia-lhe nascido um filho do primeiro casamento e viria a registar mais sete do segundo casamento. À sua morte, aos 70 anos, elegeu por testamenteiro seu filho José Vieira Sarmento que não aceitou o encargo por a mãe ter vendido alguns bens. Há indicação de ter tido um ofício por alma.

Catarina Vieira faleceu aos 74 anos, solteira. Fez testamento, sendo seu testamenteiro o irmão José e sabemos que foi amortilhada em hábito de saial e teve acompanhamento de quatro clérigos.

O padre Francisco Vieira de Bem, falecido aos 69 anos, foi sepultado na Capela-mor da Igreja e acompanhado á sepultura por 6 religiosos. No seu testamento deixou como testamenteiros o seu sobrinho homónimo e também padre, filho de sua irmã Teresa de S. José, o seu irmão José Vieira de Bem e o filho mais velho do mesmo, Venceslau Francisco. Teve por sua alma 700 missas e 100 de tenção.

José Vieira de Bem casou aos 43 anos com Quitéria Isabel Brum da Silveira, de 24 anos, filha de João Pereira Fagundes e Isabel de Brum, proprietários, naturais das Lajes, mas residentes em S. João. Tiveram sete

filhos. José Vieira de Bem faleceu aos 64 anos, sendo amortalhado em hábito de saial e acompanhado por 6 religiosos. No seu testamento do qual foi testamenteiro seu filho Venceslau Francisco Vieira de Bem, deixou um ofício e 200 missas por sua alma e mais 100 missas de tenção. Sua mulher que viria a falecer dois anos mais tarde teve as mesmas honras fúnebres e deixou por sua alma 300 missas rezadas e 100 por sua intenção e 50 por alma de seu marido.

Parece depreender-se que a geração seguinte conseguirá novos recursos económicos não muito ao alcance de quem viveu os vinte anos posteriores à crise de 1718/20.

5. Quarta Geração ascendente

5.1. CASAL 1

QUADRO XXXI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 1 (S. João)				
José de Ávila Martins	10-05-1692	03-11-1727	03-06-1754	Casado
Teresa da Conceição	15-06-1705		24-12-1786	Viúva
FILHOS				
<i>Maria da Conceição</i>	17-08-1728		20-04-1746	Solteira
<i>João de Ávila Martins</i>	24-06-1731	14-06-1753	16-02-1805	Viúvo
José	06-08-1734		14-06-1739	Criança
Manuel de Ávila Martins (Bisavô de F.C.)	10-02-1737	13-02-1764	04-06-1804	Viúvo
<i>Josefa da Conceição</i>	21-10-1739	15-01-1758	16-05-1807	Casada
<i>José de Ávila Martins</i>	10-03-1742	24-11-1768	13-01-1809	Viúvo
Teresa	18-09-1744		03-04-1748	Criança
Maria	26-02-1748		21-04-1771	Solteira

Teresa da Conceição, casada aos 22 anos, com um homem mais velho treze anos, teve o seu primeiro filho nove meses após o casamento e o seu oitavo e último filho aos 42 anos. Tendo todos os filhos conhecidos sobrevivido ao primeiro ano de vida, os intervalos intergenésicos são de dois a três anos, com um intervalo mais largo entre João e José. Falecida a filha mais velha, de nome Maria e depois José antes de encerrado o ciclo fecundo da família, encontramos a repetição dos respectivos nomes.

Reparemos que nesta família os filhos homens usam os apelidos do pai, Ávila Martins, e as mulheres o sobrenome da mãe, Conceição.

Todos os padrinhos convidados são da freguesia, sobressaindo os familiares. Assim, o tio paterno, José Pereira, é padrinho de Maria. A tia materna, Maria do Amaral, será madrinha de Manuel. Francisco Vieira e Ana da Conceição, também tios maternos serão padrinhos de Teresa. Rita Maria da Conceição, igualmente tia materna será madrinha de Maria, segunda de nome. Os primos Francisco Pereira Tomás e sua irmã Teresa de Ávila, filhos de Francisco Pereira Tomás e de Maria de Ávila, esta irmã do pai, serão padrinhos de João. Uma outra filha destes, Isabel Francisca, será madrinha de Josefa. Outros jovens são escolhidos para padrinhos, como António Silveira Goulart, filho do alferes homónimo ou Catarina da Conceição filha de António Rodrigues Frade, 6º avô de F. C.

José de Ávila Martins faleceu aos 62 anos e apenas sabemos que fez testamento. A sua viúva, Teresa da Conceição, faleceu aos 83 anos. Foi amortalhada em hábito de picote e no seu testamento deixou 60 missas por sua alma, 10 de intenção e uma ao Anjo da Guarda, sem nenhum sinal de distinção.

A filha mais velha, Maria da Conceição morreu aos 17 anos. Foi também amortalhada em hábito de picote, o mais barato, e teve por sua alma 15 missas.

João de Ávila Martins casou aos 22 anos com Teresa Francisca, de 17 anos, natural de S. Mateus. Tiveram 13 filhos. Ao seu óbito, aos 73 anos, foi amortalhado em hábito de saial, teve ofício de corpo presente, 100 missas por sua alma e mais 100 de tenção, além de uma missa ao Anjo da Guarda, outra ao Santo do Nome, uma no altar privilegiado e mais duas por alma de sua mulher. A mulher, falecida aos 51 anos, fora amortalhada em hábito de picote, e tivera por alma 70 missas, 15 de tenção e uma ao Anjo da Guarda. Teve apenas meio anal de responsos.

José que faleceu aos 5 anos e mais tarde Teresa, que faleceu aos 3 anos, não tiveram sufrágios conhecidos. Não parece ter sido hábito a *missa dos Anjos* dita pelos menores de 7 anos, como acontecia nas dioceses do continente.

Manuel de Ávila Martins, casado aos 27 anos com Rita Maria, de 24 anos, viram nascer o seu primeiro filho vinte dias antes do casamento. Mais tarde nos referiremos a este casal como trisavós de F. C.

Josefa da Conceição casou aos 26 anos com Mateus Garcia, natural de S. Mateus. Tiveram 11 filhos. À sua morte, aos 67 anos, deixou apenas meio ofício, 14 missas rezadas e 20 por sua intenção. Foi amortalhada em hábito de picote. Seu marido que lhe sobreviveu mais quatro anos teve tratamento similar à sua morte.

José de Ávila Martins, casou aos 26 anos com Maria de Brum, de 19 anos, filha de António Goulart de Sousa e Maria de Brum, proprietários. Tiveram 12 filhos. José de Ávila Martins, aos 66 anos, teve morte súbita. Foi amortalhado em hábito de saial, teve ofício incensado, 100 missas por alma, 50 de intenção e mais uma ao Anjo da Guarda e outra ao Santo do Nome. Maria de Brum falecera dez anos antes e tivera por sua alma acompanhamento de três padres e mais de um frade agostinho. Foi amortalhada em hábito de saial e o mesmo volume de sufrágios que mais tarde viria a ter o seu viúvo.

A segunda filha de José de Ávila Martins e Beatriz da Conceição de nome Maria morreu aos 23 anos e teve por sua alma ofício, 35 missas e 5 de tenção.

Dispondo, segundo pensamos, de poucos recursos económicos e bom relacionamento na freguesia, a fortuna dos filhos parece ter dependido bastante das estratégias matrimoniais seguidas.

5.2. CASAL 2

QUADRO XXXII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 2 (S. João)				
Manuel Gaspar	1702 (?)		31-01-1772	Viúvo
Maria de S. Matias	1699 (?)		03-03-1759	Casada
FILHOS				
João	27-12-1722		13-10-1724	Criança
<i>Maria Francisca</i>	21-04-1724	25-12-1752		
Teresa	14-02-1726		06-11-1726	Criança
<i>Mateus Rodrigues</i>	19-09-1727	19-11-1759	11-04-1701	Viúvo
<i>Manuel Pereira Gaspar</i>	10-04-1730	24-11-1764	19-07-1806	Viúvo
João	31-12-1732			
Tomé	19-12-1735			
Rita Maria (Bisavó de F.C.)	26-10-1739	13-02-1764	16-08-1792	Casada

Pensamos que este como outros casais vindos das Lajes que acorreram a S. João após a crise vulcânica de 1718/20, fossem solicitados pelos trabalhos necessários à construção de habitações em zonas novas ou substituição de mão de obra especializada que abandonara a paróquia.

A aceitar a idade atribuída pelo pároco a Maria de S. Matias no momento da morte, a mesma teria 23 anos ao nascimento do primeiro filho conhecido e 40 ao nascimento do último. Reparemos que, falecendo Teresa aos oito meses, o intervalo entre a morte desta e o nascimento de Mateus é de nove meses apenas, o que poderia reflectir a importância da amamentação na limitação dos nascimentos. No entanto, nesta família, os primeiros intervalos entre os nascimentos são mais curtos do que o habitual, mesmo quando os filhos sobrevivem. O primeiro intervalo conhecido é de 15 meses, o segundo de 21 meses. Só depois os intervalos alargam, atingindo 46 meses no último intervalo, o que nos faz supor que Maria de S. Matias teria mais de 40 anos ao nascimento do último filho.

Mais uma vez os apelidos e sobrenomes usados pelos filhos desta família não obedecem a uma lógica imediatamente compreensível. O único que usa os apelidos do pai é o filho Manuel. Mateus usa o apelido Rodrigues. Maria usa o sobrenome de Francisca e Rita o de Maria.

Não deve ter sido fácil a inserção desta família no seu novo meio social. Dos seus primeiros cinco filhos todos os padrinhos são naturais das Lajes, ou são filhos de naturais das Lajes. Maria de S. Tomé, mulher de Manuel Rodrigues Debra (os descendentes de segunda geração usarão o apelido Évora), ambos naturais das Lajes e que acorreram no mesmo período a S. João, chega a ser madrinha de três filhos de Manuel Gaspar e Maria de S. Matias. Só ao baptizado do seu último filho, já em 1739 escolhem para padrinho Francisco Leal, filho de outro Francisco Leal que sabemos ser sapateiro e proprietário. Madrinha será Catarina Vieira, filha de Baltazar Fernandes Frade, tetravô de F. C..

Esta família afigura-se claramente como uma família de poucos recursos. Maria de S. Matias teve por sua alma meio ofício, 15 missas e 5 de tenção. O seu viúvo, Manuel Pereira Gaspar, falecendo aos 70 anos, segundo o pároco, foi amortalhado em hábito de picote e teve o mesmo volume de sufrágios de sua mulher.

Dos seus filhos, sabemos que João e Teresa faleceram na infância, mas não podemos afirmar o mesmo de João, segundo de nome, ou de Tomé.

Maria Francisca, a filha mais velha conhecida, casou aos 28 anos com António Rodrigues, de 20, filho de Manuel Rodrigues e Isabel das Candeias, esta também natural das Lajes. Não sabemos o destino do casal. Seria interessante se pudéssemos verificar se faziam parte do contingente de recrutados para o Brasil em meados do século.

Mateus Rodrigues Gaspar casou aos 32 anos com Isabel Goulart, de 27 anos, filha de Manuel Silveira Goulart e Teresa de S. José. Eram parentes em 4º grau de consanguinidade. Conhecemo-lhes 6 filhos. Ao seu óbito, aos 73 anos, Mateus Rodrigues Gaspar não mostra sinais de distinção social. No seu testamento deixa apenas um ofício e 40 missas rezadas por sua alma, 5 de tenção e uma ao Anjo da Guarda. A sua viúva, que falecera 16 anos antes, fora amortalhada em hábito de saial e tivera por sua alma 60 missas, mais 10 de tenção e uma ao Anjo da Guarda.

Manuel Pereira Gaspar casou aos 34 anos com Maria da Conceição, de 29 anos, filha de Manuel de Ávila Rodrigues e Engrácia Vieira. Tiveram quatro filhos. Enviuvando aos 50 anos, Manuel Pereira Gaspar não voltou a casar. Falecendo aos 76 anos, foi amortalhado em hábito de picote, acompanhado pelas cruces do Santíssimo Sacramento, Senhora do Rosário e S. João, pela esmola costumada de 100 réis cada uma. Teve meio ofício de corpo presente. A sua mulher havia também sido amortalhada em hábito de picote, e tivera por alma 30 missas e mais dez de tenção, além da missa do Anjo.

De Rita Maria, como ascendente de F. C., falaremos mais tarde.

Não encontramos a assinatura de Manuel Pereira Gaspar ou dos seus filhos nos livros paroquiais de S. João.

5.3. CASAL 3

QUADRO XXXIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 3 (S. João)				
António Silveira de Ávila	02-09-1709		14-08-1787	Viúvo
Anastácia Jacinta	1728 (?)		02-05-1783	Casada
FILHOS				
António	15-09-1755		Falecido	Criança
Maria	17-09-1756		Falecido	Criança
Antónia <i>Jacinta da Silveira</i>	17-09-1757	04-10-1763	09-03-1810	Viúva
Maria <i>Jacinta da Silveira</i>	02-05-1760	23-09-1780	03-02-1784	Casada
António <i>Silveira de Ávila-tenente</i> (Bisavô de F.C.)	05-07-1762	12-05-1768	15-11-1845	Casado
José	17-05-1764			
Francisco <i>Peixoto da Silveira</i>	24-09-1766	27-07-1789	02-10-1807	Casado
Josefa	24-10-1769		13-10-1770	Criança

A rede alargada de conhecimentos de João Homem da Silveira poderá ter permitido o casamento de seu filho António Silveira de Ávila com uma mulher dos Flamengos, da ilha do Faial. A idade de 55 anos atribuída pelo pároco a Anastácia Jacinta no momento da sua morte deve estar adequadamente aproximada, considerando que poderia ser mãe pela última vez aos 41 anos. Sabemos que os dois primeiros filhos faleceram na infância através de uma nota marginal dos respectivos assentos de baptizado. A filha mais nova morre também a abeirar um ano de idade. Admitimos que José tenha sobrevivido. Conhecemos o casamento dos restantes quatro filhos.

Reparamos que o casal escolhe preferentemente padrinhos para os filhos do Faial e das Lajes. Do filho mais velho é padrinho o padre cura da

freguesia de Castelo Branco, da ilha do Faial, António de Ávila Peixoto, possivelmente filho de Manuel de Ávila Peixoto, da mesma freguesia, que havia sido já compadre de João Homem da Silveira. Todos os outros padrinhos e madrinhas ou são do Faial ou das Lajes, exceptuando Manuel Silveira de Ávila e Úrsula Garcia, filhos de outro Manuel Silveira de Ávila, este também natural das Lajes.

Os dois filhos do sexo masculino que casaram usam apelidos familiares, mas diferentes. O filho António usa os apelidos do pai, Silveira de Ávila, mas Francisco é Peixoto da Silveira. Recordemos que o apelido Peixoto foi usado pelos meios irmãos de António Silveira de Ávila, filhos do alferes João Homem da Silveira e de Maria Josefa da Conceição.

O sobrenome de Jacinta é transmitido às filhas, mas também o apelido Silveira.

António Silveira de Ávila faleceu aos 77 anos. Foi amortalhado em hábito de saial e acompanhado por 4 religiosos. No seu testamento deixou 500 missas rezadas, 100 de tenção e 10 missas ao Anjo da Guarda. Sua mulher teve honras fúnebres e um volume de sufrágios equivalente ao do marido.

Dos seus filhos, Antónia Jacinta da Silveira casou aos 16 anos com Francisco José Duarte, de 29, filho de António Rodrigues Frade e Josefa dos Ramos. Tiveram sete filhos, todos sobreviventes à infância. Havia-se dado a ruptura da união, por morte súbita do marido, quando Antónia Jacinta contava 34 anos. Ela própria viria a falecer aos 42 anos. Foi amortalhada em hábito de saial e teve por sua alma 300 missas rezadas, 300 por intenção, uma ao Anjo, outra ao Santo, uma no altar privilegiado e outras mais.

Maria Jacinta da Silveira casou aos 20 anos com Manuel Silveira de Sousa, de 28 anos, filho de outro homónimo e de Francisca Catarina. Faleceu aos 23 anos, possivelmente de parto, deixando uma filha nascida 28 meses antes. Foi amortalhada em hábito de saial e teve acompanhamento de dois religiosos. Por sua alma teve ofício, 20.000 réis de missas e mais 6000 para

missas de intenção. Pediu também uma missa ao Anjo e outra ao Espírito Santo.

O tenente António Silveira de Ávila casou aos 22 anos (ainda alferes) com Maria Francisca, de 27 anos, filha do sargento Leandro Francisco e de Teresa da Rosa. Acompanharemos mais tarde o seu trajecto de vida, como bisavô de F. C..

Francisco Peixoto da Silveira casou aos 22 anos com Catarina Josefa de Jesus, de 28, filha de Francisco Martins e Maria Catarina. Tiveram sete filhos, seis deles com acesso ao casamento. Faleceu aos 41 anos. Foi amortalhado em hábito de saial e teve 595 missas rezadas e por sua intenção mais 100, além do ofício incensado e outras missas.

5.4. CASAL 4

QUADRO XXXIV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 4 (S. João)				
Leandro Francisco - sargento	05-01-1729	27-06-1757	20-02-1811	Casado
Teresa da Rosa	11-05-1734		17-01-1817	Viúva
FILHOS				
<i>Maria Francisca</i> (Bisavó de F.C.)	12-06-1757	12-05-1785	11-01-1852	Viúva
Manuel	31-10-1760			
Venero	07-03-1763			
José <i>Francisco da Rosa</i> - sargento	18-03-1766	13-02-1798	21-02-1857	Viúvo
Francisco <i>José de Sousa</i>	1769 (?)			
Francisca <i>Teresa</i>	08-02-1773	23-11-1801	08-11-1807	Casada

Pelo primeiro rol de confessados de que dispomos, sabemos que em 1799 o casal vivia no lugar da Companhia de Cima, na Rua da Estrada, entre a Canada de Lázaro Pereira e a Canada do Alferes José Pereira, com a filha Francisca, ainda solteira, e um criado maior, Leandro, que admitimos ser o antigo escravo liberto de quem fora senhor João Homem da Silveira.

Maria, primeira filha do casal, nasceu duas semanas antes do casamento dos pais, o que poderá significar que o casamento foi tratado na sequência da gravidez. Nascendo o primeiro filho aos 23 anos de Teresa da Rosa e ultrapassando o casal cinquenta anos de casados, são registados menos filhos do que seria de esperar. Sem que a mãe tivesse atingido ainda os quarenta anos, encontramos um intervalo entre o penúltimo e o último filhos quase a atingir os sete anos, depois de intervalos regulares de cerca de três anos. Admitimos que Francisco José de Sousa que apenas conhecemos através do rol de confessados de 1813, com residência esporádica com a mãe, já viúva, possa ter nascido entre José e Francisca.

O casal escolheu como compadres predominantemente familiares. Inês da Rosa, depois Inês Francisca Teresa, irmã da mãe, foi madrinha de Maria. O sargento Estêvão Francisco, irmão do pai, foi padrinho de Manuel. Um primo de Leandro Francisco, Francisco José Duarte, filho do alferes António Rodrigues Frade e de Josefa dos Ramos foi padrinho de Venero, sendo a mãe madrinha. A mesma Josefa dos Ramos havia sido já madrinha de Manuel. José Rodrigues Pais e Maria Teresa, filhos de Mateus Rodrigues Pais foram padrinhos de Francisca. O padre Francisco Vieira de Bem foi padrinho de José.

Leandro Francisco faleceu aos 82 anos e foi amortalhado em hábito de saial e acompanhado por quatro religiosos de S. Francisco, além do usual. Testamenteiro foi seu filho José Francisco da Rosa, deixando por sua alma um ofício incensado e 300 missas rezadas, além de 300 missas de tenção, 300 pelas Almas do Purgatório, uma ao Anjo da Guarda, outra ao Santo do Nome, cinco à Senhora das Dores.

Teresa da Rosa faleceu aos 82 anos, deixou como testamenteiro o mesmo filho e teve por sua alma o mesmo volume de sufrágios do marido.

Dos filhos Manuel e Venero não temos conhecimento posterior, embora se suponha que sobreviveram à infância, dados os intervalos entre os nascimentos e a não repetição posterior dos seus nomes, mesmo nascendo dois outros irmãos do mesmo sexo.

De Maria Francisca, casada aos 27 anos com António Silveira de Ávila, trataremos mais tarde.

O sargento José Francisco da Rosa casou aos 31 anos com Maria de Brum da Silveira, a abeirar os 17 anos, único filho do sargento António Rodrigues Sarmiento e de Luzia de Brum da Silveira, proprietários, que viviam em 1799 também na Companhia de Cima, na segunda casa da Canada de Perpétua de Sousa¹³. José Francisco da Rosa e a mulher foram viver com os sogros. Maria de Brum da Silveira faleceu aos 38 anos, depois de ter baptizado 13 filhos, onze deles sobreviventes. Foi amortalhada em hábito de saial, teve por sua alma um ofício incensado e 300 missas, deixando ainda mais 100 missas de tenção, uma à Senhora das Dores, uma a S. Marcos, outra a S. José, outra a Sta. Bárbara, uma ao Anjo da Guarda e outra ao Santo do Nome. José Francisco da Rosa viveria ainda até aos 90 anos, sem voltar a casar. Sabemos apenas que fez testamento, sendo testamenteiro o seu filho mais novo, o padre Manuel José de Brum.

Francisca Teresa casou aos 27 anos com José Inácio, de 31 anos, filho de Manuel de Ávila Martins e de Rita Maria¹⁴, continuando a viver com os pais. Teve apenas dois filhos, falecendo possivelmente de parto, aos 34 anos. Foi amortalhada em hábito de saial, teve por sua alma um ofício de corpo presente e 175 missas rezadas e mais 25 de tenção. Sete anos após a sua morte, o seu viúvo voltaria a casar.

¹³ Viviam então com uma criada.

¹⁴ Casal 1 de bisavós de F. C..

Conhecemos bem a assinatura de Leandro Francisco, nos livros de registos paroquiais e por escrituras de venda de propriedades.

5.5. CASAL 5

QUADRO XXXV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 5 (S. João)				
Francisco de Simas	08-02-1693	11-11-1721	26-01-1769	Viúvo
Isabel Silveira	1690 (?)		13-11-1768	Casada
FILHOS				
Manuel <i>Leal de Simas</i> (Bisavô de F.C.)	26-03-1723	18-10-1756	29-03-1806	Viúvo
João <i>de Simas</i>	12-02-1727	11-02-1754	16-04-1810	Viúvo
Maria <i>Francisca</i>	31-03-1730	18-06-1760	05-01-1789	Casada

Francisco de Simas, natural de S. Roque, era viúvo de Maria Camacha, quando casou com Isabel Silveira, esta natural das Lajes. Havia baptizado em S. João um filho da sua primeira mulher, de nome Clemente, em 23 de Novembro de 1714. Não temos conhecimento da data de óbito de Maria Camacha, admitindo que tivesse falecido fora de S. João no período conturbado da crise vulcânica.

O pároco atribuiu a Francisco de Simas, no momento da sua morte, a idade de 70 anos. Abeirava, de facto, os 76 anos. Isabel Silveira, são-lhe atribuídos também 70 anos no momento da morte. Dado que o seu último filho nasce em 1730, é de admitir o seu nascimento por volta de 1690.

Do assento de baptizado de Manuel, primeiro filho do casal, vemos que os padrinhos foram dois tios maternos solteiros, como parece ser comum no período. A tinta diluída impede-nos uma total leitura dos assentos de baptizados dos outros dois filhos.

Francisco de Simas foi amortalhado em hábito de picote e sabemos que fez testamento. Isabel Silveira, falecida dois meses antes, havia levado o mesmo tipo de hábito e deixado por sua alma 25 missas. Seria uma família de reduzidos recursos económicos, a avaliar também pelos indicadores no momento da morte dos seus filhos.

Do primeiro filho conhecido de Francisco de Simas, Clemente, não temos informação posterior.

Manuel Leal de Simas casou aos 33 anos com Maria das Candeias, de 32, já viúva. Falaremos mais tarde deste casal, como bisavós de F. C..

João de Simas casou a abeirar os 27 anos com Águeda Silveira, da mesma idade, filha de Manuel Garcia e Águeda Silveira. Tiveram sete filhos, todos do sexo masculino, mas só conhecemos o destino de dois. Admitimos que os restantes cinco se tenham ausentado da freguesia. Em 1799 o casal vivia na Companhia de Baixo, na Canada de Miguel Vieira, na companhia do filho mais novo, com o mesmo nome do pai, já casado¹⁵. Águeda Silveira faleceu aos 78 anos e teve por sua alma 70 missas rezadas e mais 10 de tenção. Seu marido, falecido cinco anos mais tarde, aos 83 anos, foi amortalhado em hábito de picote, e teve apenas por sua alma 15 missas rezadas e 5 de tenção, além da missa do Anjo e do Santo e de duas missas no altar privilegiado.

¹⁵ Os dois casais são identificados em dois fogos contíguos, o que nos leva a aceitar que viveriam juntos. No último quartel do século quando há referência ao número de fogo e ao *número da polícia* (número da casa) vemos claramente que o fogo se distingue da residência, significando aquele a existência de alguém (indivíduo ou chefe de família) obrigado aos *direitos paroquiais*, independentemente de viver em comunhão de casa e de mesa com outros familiares com essa mesma obrigação.

Maria Francisca, também conhecida por Maria Silveira de Simas, casou aos 30 anos com António Vieira Goulart, de 29 anos, filho da sargento António Vieira Sarmento e de Isabel Goulart. Morreu aos 58 anos, deixando três filhos, um deles mentecapto. Foi amortalhada em hábito de picote e teve por sua alma um ofício, 60 missas rezadas, 2 de tenção e uma ao Anjo da Guarda.

5.6. CASAL 6

QUADRO XXXVI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 6 (S. João)				
Manuel Rodrigues Dias	1696 (?)		20-11-1766	Viúvo
Isabel das Candeias	1691 (?)		18-04-1747	Casada
FILHOS				
Manuel	17-08-1723			
Maria <i>das Candeias</i> (Bisavó de F.C.)	01-09- 1724	08-11- 1751	27-01-1787	Casada
Rita	25-12-1727			
António <i>Rodrigues</i>	03-03-1732	25-12- 1752	05-01-1789	

É de admitir que a idade de 56 anos que o pároco atribui a Isabel das Candeias (natural das Lajes) no momento da sua morte, em 18 de Abril de 1747, fosse correcta, dado que o seu último filho nasceu em 1732, altura em que podia contar 41 anos.

Manuel Rodrigues Dias era natural de S. João, mas não temos elementos que nos permitam identificá-lo ao nascimento.

Os compadres escolhidos não nos autorizam a deduzir sobre a ascendência de Manuel Rodrigues Dias. Uma madrinha de um dos filhos é Teresa da Conceição, solteira, filha do alferes António Rodrigues Frade e Águeda Garcia, mas o filho Manuel deste casal, do qual não sabemos o destino

seria manifestamente mais novo do que Manuel Rodrigues Dias. Também não poderia ser filho de Manuel de Ávila Bettencourt e Isabel Goulart, pais de um outro compadre do casal, dado que o filho Manuel dos mesmos é claramente identificado.

Manuel Rodrigues Dias deixou como testamenteiro seu genro Manuel Leal de Simas, segundo marido de sua filha Maria das Candeias. Foi amortalhado em hábito de picote e deixou por sua alma meio ofício e 9.200 reis para missas. A sua mulher deixara 3000 réis para missas e mais 5 missas de tenção. Por estes indicadores, podemos deduzir que o casal não usufruía de posição de relevo no meio.

Com rigor, não sabemos o destino do filho Manuel. Admitimos que se trate de um Manuel Rodrigues, casado com Engrácia Alvernaz, uma mulher que supomos ser de fora da freguesia, que baptizou filhos entre 1752 e 1754 e faleceu em 25 de Dezembro de 1793, aos 70 anos, segundo o pároco.

A filha Maria das Candeias será objecto mais tarde da nossa atenção.

António Rodrigues casou aos 20 anos com Maria Francisca, filha de Manuel Pereira Gaspar e Maria de S. Matias, casal 2 de trisavós de F. C.. Como vimos antes, António Rodrigues e Maria Francisca saíram da paróquia posteriormente ao casamento.

5.7. CASAL 7

QUADRO XXXVI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 7 (S. João)				
Manuel da Silveira Goulart	1690 (?)		31-07-1767	Viúvo
Teresa de S. José	19-03-1701	28-08-1724	03-07-1762	Casada

FILHOS

<i>Antônio José da Silveira</i>	04-01-1726	02-06-1757	17-09-1799	Viúvo
<i>Maria Teresa/Silveira</i>	07-03-1729		01-06-1808	Solteira
<i>Isabel Goulart</i>	03-02-1732	19-11-1759	09-02-1785	Casada
Manuel Silveira Goulart (Bisavô de F.C.)	12-10-1735	29-04-1765	07-01-1768	Casado
<i>Francisco Vieira de Bem- padre</i>	05-01-1739		22-11-1807	Padre
Ana	17-05-1742			
José	31-07-1745			

Reparemos que Teresa de S. José, com 23 anos ao casamento, esperou 16 meses para o nascimento do seu primeiro filho, contando 44 anos ao nascimento do sétimo e último filho.

Os apelidos Silveira e Goulart, do pai, são os usados pelos filhos desta família, à exceção do filho padre que irá chamar-se Francisco Vieira de Bem, tal como o seu tio materno, também padre.

Os padrinhos escolhidos são familiares próximos, mas também pessoas da vila das Lajes e proprietários de S. João. Assim, encontramos Manuel Silveira Goulart, avô paterno, como padrinho do filho mais velho, sendo madrinha a tia materna Isabel Goulart. A irmã desta, Catarina da Conceição, é madrinha de Manuel. Três primos dos baptizados, filhos do alferes António Silveira Goulart, são também compadres. O licenciado Francisco Vieira Goulart (não é apresentado no momento como padre), tio materno, é também escolhido para padrinho de um filho. Isabel de Brum, mulher de João Pereira Fagundes, proprietários, naturais das Lajes, é madrinha de dois filhos. Note-se que este casal será progenitor de Quitéria Isabel que viria a casar mais tarde com um irmão de Manuel da Silveira Goulart. Tomé da Silveira Machado, das Lajes é padrinho de outro filho do casal.

Manuel Silveira Goulart, à sua morte, aos 77 anos, como supomos, foi amortalhado em hábito de saial. Fez testamento, tendo deixado como

testamenteiro seu filho padre. Teve por alma 56 missas, e 12 por sua intenção. Sua mulher que falecera cinco anos antes, aos 61 anos, teve por sua alma um ofício, 50 missas e 12 de tenção. O volume dos sufrágios indicia mais uma vez algumas dificuldades económicas nesta geração.

António José da Silveira, casou aos 31 anos com Teresa Josefa, de 23, filha de Manuel Leal Garcia e de Águeda de S. João, de quem teve sete filhos. Morrendo a mulher em 13 de Maio de 1772, voltaria a casar em 13 de Maio de 1779, com Maria do Rosário, de 30 anos, filha de Francisco Cardoso e Maria do Rosário. Antes, em 10 de Maio de Maio de 1777, haviam registado já uma filha natural. Registariam ainda mais três filhos. António José da Silveira vivia na altura do seu falecimento em 1799, na Rua da Estrada, entre a Canada de Lázaro Pereira e a do alferes José Pereira, com os filhos Isabel e Mateus, solteiros. Foi amortalhado em hábito de picote e no seu testamento deixou por sua alma 10 missas e 4 de tenção, além da missa do Anjo e do Santo, o que denuncia grandes limitações.

Maria Teresa, também conhecida como Maria Silveira, foi mãe solteira aos 37 anos¹⁶, viria a falecer aos 79 anos, depois da morte dos irmãos. Foi amortalhada em hábito de picote. O pároco informa que o seu parente, Venceslau Francisco Vieira de Bem seria obrigado a mandar-lhe celebrar 18 missas rezadas.

Como vimos atrás, Isabel Goulart casou aos 27 anos com seu primo em 4º grau de consanguinidade, Mateus Rodrigues Gaspar, de 22 anos, filho de Manuel Rodrigues Gaspar e Maria de S. Matias, casal 2 de trisavós de F. C.. Mostrou ser proprietária no momento da sua morte.

Manuel Silveira Goulart casou aos 29 anos com Helena Catarina da Silveira, natural das Lajes, sendo posteriormente objecto da nossa atenção.

¹⁶ O filho, de nome João, nascido em 22 de Junho de 1766, viria a falecer em 23 de Maio do ano seguinte.

O padre Francisco Vieira de Bem e Silveira, clérigo presbítero de hábito de S. Pedro, vivia na Rua da Estrada, entre a Canada do Almança e a Canada de Francisca. Com ele vivia em 1799 Josefa de Brum, assistente, e António, um criado, que não identificamos. À sua morte, aos 68 anos, fez testamento, deixando como testamenteiro o tenente Venceslau Francisco Vieira de Bem, seu primo. Foi acompanhado à sepultura por quatro religiosos e por 6 sacerdotes de fora da freguesia e pelo padre José Homem, da paróquia, além do habitual, *sendo levado à sepultura por quatro homens de pé descalço, contra todos os decretos*, segundo informa o pároco. Teve por alma ofício incensado, 280 missas rezadas e 200 por sua intenção.

5.8. CASAL 8

QUADRO XXXVII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
4ª Geração Ascendente CASAL 8 (Lajes)				
Tomé Homem da Silveira				
Catarina de Jesus	1705 (?)		07-04-1780	Viúva
FILHOS				
Maria <i>da Conceição</i>	1720 (?)		24-11-1780	Solteira
Helena <i>Catarina da Silveira</i> (Trisavó de F.C.)	12-11-1734	13-10-1760	22-07-1796	Viúva
João <i>António da Silveira</i> - alferes	26-01-1737	26-02-1767	12-04-1816	
Ana	28-09-1738			
Antónia	14-06-1741			
José	09-10-1743		04-04-1760	Solteiro
Ana	26-03-1746			

O trabalho de reconstituição da freguesia da Santíssima Trindade permite-nos saber que Catarina de Jesus faleceu viúva em 7 de Abril de 1780, aos 75 anos, segundo o pároco, dando indicação de ser proprietária. Não conhecemos o assento de óbito de Tomé Homem da Silveira

A filha Maria, possivelmente bem mais nova do que a idade indicada ao óbito, 60 anos, morreu solteira e mostra igualmente sinais de prestígio social no momento da morte.

José faleceu aos 17 anos.

Além de acompanharmos o destino da filha Helena, como trisavó de F.C., sabemos que o filho João António da Silveira, que ocupou o posto de alferes, casou aos 30 anos com uma mulher viúva que lhe deu três filhos. Residiria no Soldão, lugar imediatamente a seguir ao mistério da Silveira, onde faleceu aos 79 anos, já viúvo.

6. Terceira geração ascendente

6.1. CASAL 1

QUADRO XXXVII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
3ª Geração Ascendente				
CASAL 1				
(S. João)				
Manuel de Ávila Martins	10-02-1737	1302-1764	04-06-1804	Viúvo
Rita Maria	26-10-1739		16-08-1792	Casada
FILHOS				
Manuel <i>de Ávila Martins</i>	23-01-1764		03-12-1826	Solteiro
Maria	23-07-1766			
Pedro (crismado para Alexandre)	29-06-1767			
José <i>Inácio</i>	19-04-1770	23-11-1801	15-01-1832	Viúvo
Maria <i>Rita</i>	14-02-1773	08-10-1798	16-05-1833	Viúva
Josefa	04-04-1775		05-01-1778	Criança
João	28-08-1778			
António <i>Silveira de Ávila</i>				

<i>Martins</i> (Avô de F.C.)	10-09-1781	26-10-1801	28-11-1844	Casado
---------------------------------	------------	------------	------------	--------

Manuel de Ávila Martins e Rita Maria baptizaram o seu filho Manuel vinte dias antes do casamento, *estando comprometidos e apregoados para casar*. O seu segundo filho, Maria, nascido trinta meses mais tarde, deve ter falecido logo, dado o intervalo de apenas onze meses que separa o seu nascimento do de Pedro. Embora não saibamos o seu destino posterior, o intervalo intergenésico que se segue não faz suspeitar da morte precoce de Pedro, tanto mais que sabemos que recebeu o sacramento do crisma. De João, também sabemos que não morreu na infância. Rita Maria abeirava os 42 anos ao nascimento do seu último filho.

Também este casal escolhe, como padrinhos dos seus filhos, familiares próximos ou proprietários da freguesia. Miguel Rodrigues Debra e sua mulher, naturais das Lajes, sem parentesco conhecido com a família, são padrinhos do primeiro filho; um filho dos mesmos é padrinho do segundo filho do casal. Um filho do alferes Joaquim Silveira Bettencourt é também compadre. O tio paterno, José de Ávila é padrinho de dois sobrinhos, sendo sua irmã Maria da Conceição, madrinha de outro. Dois primos de Manuel de Ávila Martins são também convidados para padrinhos dos filhos.

A primeira filha sobrevivente do casal chama-se Maria Rita, Maria como filha mais velha e Rita, primeiro nome da mãe. O filho mais velho é homónimo do pai. O filho José é José Inácio, simplesmente. António é António Silveira de Ávila Martins, parecendo ter adoptado o apelido Silveira do próprio sogro, António Silveira de Ávila.

Rita Maria faleceu em 16 de Agosto de 1792, com 52 anos. Foi amortalhada em hábito de picote e teve por sua alma 90 missas e mais 20 de tenção.

Em 1799 encontramos Manuel de Ávila Martins morando na Canada do Almanse com os filhos Manuel e António, este ainda solteiro. O filho José,

também solteiro na mesma data, não o identificamos na freguesia. Encontramo-lo, logo após o seu casamento com Francisca Teresa, em 1801, a viver com o sogro, Leandro Francisco, (trisavô de F. C). João, ausente em 1799, estará presente em 1801, saindo logo em 1803. Teria emigrado para o Brasil e regressado de visita? A filha Maria Rita, casada com José Homem da Silveira integra o fogo contíguo. Admitimos mesmo que vivesse na mesma casa, uma vez que à morte de Manuel de Ávila Martins, o genro passa a encabeçar o fogo em que se conta o filho então solteiro, Manuel. O filho António Silveira de Ávila, casando em 1801, com Anastácia Jacinta, é identificado logo a seguir na mesma canada.

Manuel de Ávila Martins faleceu aos 67 anos e teve um ofício por sua alma, 200 missas rezadas e mais 20 de tenção.

O seu filho homónimo faleceu solteiro aos 62 anos, vivendo com a irmã, Maria Rita. Foi amortalhado em hábito de saial, fez testamento, deixando como testamenteiro o seu sobrinho, filho da referida irmã, também chamado Manuel de Ávila Martins.

Falecida a primeira filha com o nome de Maria, admitimos que o filho Pedro, que mudou no crisma para Alexandre, se tenha ausentado da freguesia.

José Inácio casou aos 31 anos com Francisca Teresa, de 28 anos, filha de Leandro Francisco e Teresa da Rosa e foi viver com o sogro, como vimos. A mulher faleceu em 8 de Novembro de 1807, depois de lhe dar dois filhos. Foi amortalhada em hábito de saial, teve ofício e 200 missas por sua alma. José Inácio voltou a casar em 29 de Maio de 1815, contando 45 anos, com Rita do Rosário, de 34 anos. Teriam ainda dois filhos. Rita do Rosário faleceu aos 50 anos, em 29 de Abril de 1831. Foi amortalhada em hábito de saial e não fez testamento por estar perdida da cabeça. O seu viúvo faleceu logo em 15 de Janeiro do ano seguinte. Sabemos que foi amortalhado em hábito de saial e

que fez testamento, sendo testamenteiro o seu filho mais velho Manuel José Inácio.

A filha Maria Rita casou aos 25 anos com José Homem da Silveira, de 44 anos. Tiveram dois filhos. Ficou viúva aos 34 anos por morte súbita do marido. José Homem da Silveira foi amortalhado em hábito de saial e teve por sua alma 200 missas rezadas, além do ofício e 100 missas de tenção. Maria Rita faleceu aos 60 anos. Sabemos que foi amortalhada em hábito de saial e fez testamento, sendo testamenteiro o seu filho mais velho, Manuel de Ávila Martins.

Falecendo Josefa aos dois anos de idade e tendo emigrado João, o filho mais novo casou aos 20 anos com Anastácia Jacinta de 16 anos incompletos. Como avô de F. C., acompanharemos o seu percurso de vida.

6.2. CASAL 2

QUADRO XXXVIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
3ª Geração Ascendente CASAL 2 (S. João)				
António Silveira de Ávila - tenente	05-07- 1762	12-05- 1785	15-11-1845	Casado
Maria Francisca	12-06- 1757		11-01-1852	Viúva
FILHOS				
Anastácia <i>Jacinta</i> (Avó de F.C.)	28-10-1785	26-10- 1801	16-02-1866	Viúva
António <i>Silveira de Ávila</i>	26-02- 1788		Emigrou	
Francisco	14-02-1790		28-12-1791	Criança
Francisco <i>Peixoto</i>	02-10-1792		02-03-1764	Solteiro
Maria <i>Francisca</i>	17-05-1795	12-10- 1818	18-01-1861	Casada
Teotónio	19-02-1798		Emigrou	

A avó de F.C., Anastácia Jacinta, nasceu cinco meses após o casamento dos pais, quando a mãe tinha 28 anos. Nascerão ainda mais cinco filhos a este casal, o último quando Maria Francisca tinha 40 anos.

Reparemos que a primeira filha deste casal se chamará Anastácia Jacinta, o mesmo nome da avó paterna, já então falecida; o segundo filho terá o mesmo nome do pai, António Silveira de Ávila; Francisco, será Francisco Peixoto, como um tio paterno; Maria, será como a mãe, Maria Francisca. O filho mais novo, Teotónio, recebe um nome próprio não conhecido anteriormente na freguesia.

Interessante verificar que os padrinhos dos filhos deste casal são quase sempre familiares próximos, pertencentes às casas que identificamos no fim do século como sendo dos maiores proprietários da freguesia. Assim, de Anastácia é padrinho o avô paterno António Silveira de Ávila (filho do capitão João Homem da Silveira) e madrinha é Teresa da Rosa, avó materna, mulher do sargento Leandro Francisco. De António foi padrinho o próprio Leandro Francisco e Antónia Jacinta, tia paterna do baptizado, mulher de Francisco José Duarte. De Francisco, primeiro de nome, foi padrinho o Pe. Francisco Vieira de Bem, primo de Leandro Francisco e Antónia Joaquina, filha solteira do alferes Joaquim Silveira de Bettencourt. De Francisco, segundo de nome foi padrinho Francisco Vieira de Bem e Bárbara Quitéria, irmã de Venceslau Francisco e também prima do sargento Leandro Francisco. De Maria foram padrinhos os tios maternos José Francisco, então estudante, e Francisca, solteira. De Teotónio foi padrinho Francisco Peixoto da Silveira, tio paterno, e sua mulher Catarina Josefa (pertenciam a uma das quatro casas mais ricas da freguesia no final do século).

Através dos róis de confessados podemos acompanhar a partir de 1799 as etapas de vida da família do tenente António Silveira de Ávila e de sua mulher Maria Francisca. Nesse fim de século sabemos que viviam na Rua da Estrada, entre a Canada do Almança e a Canada de Francisca, no espaço de

caminho velho que hoje medeia entre a Canada do Almança e o Ramal da Igreja.

No último ano do século XVIII viviam nessa casa 9 pessoas. O casal, os filhos sobreviventes, Anastácia, António, Francisco, Maria e Teotónio, uma tia, Justina de Santo António, que supomos natural dos Flamengos da ilha do Faial, irmã da mãe de António Silveira de Ávila, Anastácia Jacinta. Residia também um criado adulto, de nome António, que saiu no ano seguinte.

António Silveira de Ávila ausentou-se em 1801, regressando três anos depois. Terá ido ao Brasil? Não terá sido esta a sua primeira ausência? Não temos possibilidade de o saber. Nesse mesmo ano casou Anastácia Jacinta, a avó de F.C., ficando a viver no seu primeiro ano de casada em casa dos pais. O novo casal iria depois fixar residência na travessa da Canada do Almanse para a de Francisca, no sítio do Lagido.

Em 1803 o filho António ausentou-se. Teria então 15 anos. Nesse mesmo ano, em 18 de Maio, morreria Justina de Santo António, então com 68 anos, segundo informação do pároco. Como último sacramento, apenas foi ungida, *por grave impedimento*. Foi acompanhada à sepultura por dois religiosos, *além do usual*. Havia feito *escritura* a seu cunhado.

António Silveira de Ávila regressou em 1804 e logo no ano seguinte o filho mais novo, Teotónio, então com 7 anos, emigrou, não sabemos se para o Brasil. Visitaria episodicamente a casa dos pais em 1809 e ainda em 1814.

A filha Maria casou em 1818, aos 23 anos, com António Goulart de Sousa Peixoto, de 27 anos, e foi viver para a Companhia de Cima. Faleceria casada, sem filhos, aos 65 anos. Fez testamento.

Reduzida a família residente ao casal e ao filho Francisco, uma neta, filha de Anastácia Francisca, também de nome Anastácia, veio viver com os avós. Embora só seja arrolada em 1821, quando tinha sete anos, é de admitir que já lá vivesse anteriormente. Em 1823, a filha mais velha de Anastácia Francisca, Maria, de 19 anos, também veio viver com os avós. Foi nesse mesmo ano admitido um criado adulto, de nome João. Um enjeitado menor, de nome Januário, foi arrolado no ano seguinte, saindo o criado João.

O filho António, chamado então de António Silveira, visitou os pais em 1829.

Em 1831 a neta Anastácia foi viver com a tia Maria Francisca, casada com António Goulart de Sousa Peixoto, para a Companhia de Cima, casal sem filhos que vivia na Rua da Estrada entre a Canada de Perpétua e a de Lázaro Pereira. Viria a falecer solteira, aos 74 anos na mesma residência

O exposto Januário ausentar-se-ia no ano seguinte.

Faleceu António Silveira de Ávila aos 83 anos, deixando como testamenteiro seu filho homónimo. Estranhámos que o testamenteiro seja um filho ausente quando o filho Francisco nunca havia abandonado a casa dos pais. Maria Francisca, sua viúva, faleceu aos 94 anos, deixando como testamenteiro António Silveira de Ávila Martins, marido de sua filha Anastácia Jacinta. Em 1847 a neta Maria havia casado em casa com António de Brum Bettencourt que passara a chefe do agregado

Em 1853 Francisco Peixoto deixava a casa da sobrinha e iria viver em casa do irmão da mesma, seu sobrinho António Silveira de Ávila Martins, casado com Inácia dos Anjos, pais de F. C. Aí viria a falecer aos 71 anos de idade.

Esta família talvez represente uma situação comum entre os proprietários da freguesia na primeira metade do século XIX. Manter o estatuto de nascimento implicaria emigrar, nesta altura predominantemente para o Brasil. Os homens casados não deixavam de o fazer, mas os filhos dos mesmos, mesmo muito jovens, encontravam esse destino. Reparemos que dois filhos de António Silveira de Ávila emigraram sem retorno definitivo e o terceiro filho sobrevivente ficou solteiro. As duas filhas casaram, mas apenas uma delas teve descendência. Assim, duas netas vieram viver com os avós, ficando uma delas casada em casa dos mesmos. Eventuais incompatibilidades do marido com o tio solteiro levariam ao afastamento deste para casa de outro sobrinho.

6.3. CASAL 3

QUADRO XXXIX

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
3ª Geração Ascendente CASAL 3 (S. João)				
Manuel Leal de Simas	26-03-1723	18-10-1756	29-03-1806	Viúvo
Maria das Candeias	01-09-1724		27-01-1787	Casada
FILHOS				
Manuel <i>Leal de Simas</i>	25-09-1757	13-12-1781	25-12-1817	Viúvo
José <i>Francisco de Simas</i> (Avô de F.C.)	14-01-1760	28-07-1791	06-03-1844	Viúvo
António	06-01-1763			
Francisco	05-03-1767			
Antónia	25-09-1769		22-08-1781	Criança

Maria das Candeias era viúva de Francisco Goulart ao seu casamento com Manuel Leal de Simas

QUADRO XL

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
CASAL 3-B-1 (Afim à 3ª Geração Ascendente)				
Francisco Goulart	26-01-1722	08-11-1751		
Maria das Candeias	01-09-1724		27-01-1787	Casada
FILHOS				
Maria <i>das Candeias</i>	02-06-1752	04-10-1779	03-10-1805	Casada
Isabel <i>das Candeias</i>	15-12-1754	03-05-1790	23-12-1804	Casada

Maria das Candeias casara aos 27 anos com Francisco Goulart, de 29. Seis meses depois tinha a sua primeira filha, passados dois anos e meio, nascia

a segunda filha. Não conhecemos a data de óbito do marido, mas o espaço entre o nascimento dessa segunda filha e o segundo casamento é de menos de dois anos.

Neste caso, sendo sobreviventes as duas filhas, não encontramos casamento precoce de nenhuma, admitindo-se uma integração fácil na nova família. Reparemos, no entanto, que as duas filhas a ela se ligam claramente pelo sobrenome *das Candeias*.

Maria das Candeias, casada segunda vez aos 32 anos, viria a ter ainda mais cinco filhos, o último dos quais quando contava 45 anos.

Encontramos Manuel Leal de Simas em 1799 a residir na primeira casa da Rua da Estrada, entre a Canada de Santo António e o Fim da Freguesia, na direcção das Lajes, como dependente do seu filho José de Simas. Não sabemos se teria sido essa a sua residência enquanto chefe de família.

Manuel Leal de Simas e Maria das Candeias escolheram para padrinho do seu primeiro filho António Silveira de Évora, filho de Miguel Rodrigues Debra e de Maria de S. Tomé, casal de proprietários, naturais das Lajes, como sabemos. Como madrinha, a tia paterna, Maria Silveira, referida como Maria de Simas ao baptizado do segundo filho do casal. Um tio materno, Filipe de Brum, é padrinho de Francisco, sendo madrinha a madrasta do mesmo, Engrácia Maria. Bárbara Quitéria, mulher de outro filho de Miguel Rodrigues Debra, é madrinha de António. O padre Tomás Alexandre da Silveira, das Lajes, é padrinho do mesmo António. Dois filhos de Jorge Leal, também natural das Lajes, mas residente em S. João, são padrinhos de Antónia. Além de familiares, as relações de compadrio parecem claramente estabelecidas com figuras de prestígio.

Maria das Candeias faleceu aos 62 anos, sem mostrar indícios de prosperidade económica. Fez testamento e deixou 40 missas por sua alma e mais dez de intenção, uma mais ao Anjo da Guarda e meio anal de responsos. Seu filho Manuel Leal de Simas foi o testamenteiro. O seu viúvo, Manuel Leal de Simas, faleceu aos 83 anos em casa de seu filho José, como vimos, e

mostra também a sua debilidade económica, sendo amortalhado em hábito de picote e tendo por alma meio ofício em vez do ofício inteiro.

O filho Manuel Leal de Simas casou aos 24 anos com Maria Catarina, de 27 anos, sua prima, filha de Manuel Rodrigues, irmão da mãe, e de Engrácia Maria, conhecida já como madrinha do irmão Francisco. Tiveram seis filhos, dois deles falecidos na infância. Viviam na Rua da Estrada entre a Canada de Miguel e a Canada se Santo António, próximo de José Leal de Simas. Maria Catarina faleceu em 23 de Dezembro de 1816, aos 62 anos. Os sufrágios por sua alma constam apenas de 50 missas rezadas e 20 de tenção, outra missa a S. Nicolau e uma a St. António em altar privilegiado. Um ano mais tarde falecia Manuel Leal de Simas, com 60 anos. Foi amortalhado em hábito de picote, e teve ofício de corpo presente e o mesmo volume de sufrágios de sua mulher, com as mesmas intenções.

José Leal de Simas casou aos 31 anos com Francisca Catarina, sendo objecto mais tarde da nossa atenção.

Admitimos que António e Francisco tenham emigrado jovens. Não temos nenhuma informação a seu respeito posterior ao nascimento.

Antónia faleceu a abeirar os 12 anos, em vida dos pais. Teve por sua alma 12 missas e mais duas de tenção.

6.4. CASAL 4

QUADRO XLI

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
3ª Geração Ascendente CASAL 4 (S. João)				
Manuel Silveira Goulart	12-10-1735	29-04-1765	07-01-1768	Casado
Helena Catarina da Silveira	12-11-		22-07-1796	Viúva

	1734			
FILHOS				
Francisca <i>Catarina</i> (Avó de F.C.)	18-04-1766	28-07-1791	28-07-1835	Casada
Manuel <i>Silveira Goulart</i>	20-01-1768	10-10-1793	25-08-1823	Casado

Helena Catarina da Silveira, natural da freguesia da Santíssima Trindade da vila das Lajes, era já viúva. Casara na sua freguesia em 13 de Outubro de 1760, aos 25 anos, com Manuel Francisco da Silveira, de S. Mateus.

QUADRO XLII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
CASAL 4-B-1 (Afim da 3ª Geração Ascendente) (S. Mateus)				
Manuel Francisco da Silveira	1714 (?)	13-10-1760	05.07-1764	Casado
Helena Catarina da Silveira	12-11-1734		22-07-1796	Viúva
FILHOS				
Raimundo	20-08-1761		23-01-1762	Criança
Bárbara Francisca	21-11-1762	12-01-1784	19-09-1812	

Casando aos 25 anos, Helena Catarina da Silveira ficou viúva menos de quatro anos depois, com uma filha sobrevivente. Morrendo o marido em 5 de Julho de 1764, voltou a casar em 29 de Abril do ano seguinte na freguesia de S. João, com Manuel Silveira Goulart de 29 anos. Estaria menos de três anos casada com o seu segundo marido. O seu segundo filho deste casamento nasceu treze dias após a morte do pai..

Manuel Silveira Goulart faleceu em 7 de Janeiro de 1768, aos 32 anos. Foi amortalhado em hábito de saial e teve um ofício por sua alma e 150

missas, além de 25 missas de tenção. Helena Catarina da Silveira voltaria a casar pela terceira vez, três meses mais tarde, com um homem natural de S. Mateus.

QUADRO XLIII

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
CASAL 4-B-3 (Afim da 3ª Geração Ascendente) (S. João)				
Manuel Pereira Rodrigues	04-07-1729	12-04-1768	01-04-1786	Casado
Helena Catarina da Silveira	12-11-1734		22-07-1796	Viúva
FILHOS				
Maria <i>da Conceição</i>	04-08-1770	31-01-1796	19-07-1797	Casada
Raimundo	09-02-1773			
Rosa <i>Helena</i>	25-11-1776	24-09-1804		

Verificamos assim que Helena Catarina da Silveira, casando a primeira vez aos 25 anos acabaria por ter sete filhos de três casamentos, nascendo-lhe o último filho aos 42 anos.

Faleceu o terceiro marido em 1 de Abril de 1786 em S. João, onde residiam, tendo sido amortalhado em hábito de saial e deixando por sua alma 100 missas, mais 12 de intenção, uma ao Anjo da Guarda, outra ao santo do Nome e outra a N. Senhora do Livramento. Helena Catarina ainda lhe sobreviveu dez anos, falecendo em 22 de Julho de 1796, aos 62 anos. Deixou no seu testamento o mesmo volume de sufrágios de seu terceiro marido, mas foi amortalhada em hábito de picote e não se lhe fez o ofício de corpo presente como determinara *por se achar falida de bens*.

Admitimos que a filha do primeiro casamento residisse com a família do pai em S. Mateus na medida em que é nessa freguesia que se casa, aos 21 anos, sendo dada como residente.

Padrinho dos dois filhos do segundo casamento foi o tio paterno, o padre Francisco Vieira de Bem e Silveira. A tia materna Antónia Maria de Jesus foi madrinha de Francisca. De Manuel foi madrinha Catarina de Jesus, mulher de Francisco Vieira Goulart, que admitimos ser outra tia materna.

A filha Francisca Catarina casaria aos 25 anos com José Leal de Simas, que seriam avós de F. C..

O filho Manuel Silveira Goulart, homónimo do pai, casou também aos 25 anos com Antónia Maria da Silveira, de 17 anos. Tiveram seis filhos, todos com acesso ao casamento em S. João. Morreu casado aos 55 anos. Foi amortalhado em hábito de picote.

Maria, filha do terceiro marido, casaria aos 25 anos com António Ferreira Vicente, falecendo sem filhos ano e meio depois, aos 26 anos.

De Raimundo, não temos notícia posterior.

A filha mais nova, Rosa Helena, casaria aos 27 anos com Manuel de Melo, em S. Mateus, onde residia.

O empobrecimento da família parece ter-se processado na última década do século.

7. Segunda geração ascendente

7.1. CASAL 1

QUADRO XLIV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
2ª Geração Ascendente CASAL 1 (S. João)				
António Silveira de Ávila Martins	10-09-1781	26-10-1801	28-11-1844	Casado
Anastácia Jacinta	28-10-1785		16-02-1866	Viúvo
FILHOS				
<i>Maria Francisca</i>	07-11-1803	07-11-1847	04-10-1882	Casada
<i>António Siveira de Ávila Martins</i> (Pai de F.C.)	14-08-1807	16-09-1830	30-03-1890	Viúvo
Inês	18-06-1810		08-12-1837	Solteira
<i>Anastácia Jacinta</i>	25-09-1814		15-02-1891	Solteira
<i>Teotónio Flávio da Silveira</i>	06-05-1817		02-07-1890	Solteiro
<i>Manuel Silveira Ávila Martins</i>	14-01-1820	13-10-1853	09-07-1890	Casado
Rita	18-01-1823		16-09-1823	Criança
José	08-03-1825			Criança
José	30-06-1827		Emigrou	

Casando Anastácia Jacinta dois dias antes de perfazer 16 anos, esperou vinte e quatro meses para o nascimento do seu primeiro filho. Os intervalos entre os nascimentos, particularmente entre Maria e António e entre Inês e Anastácia são muito alargados. O intervalo mais curto, entre Rita, deve-se ao falecimento aos sete meses da primeira. José, primeiro de nome, faleceu em 1826, segundo informação marginal do seu assento de baptismo. O nono e último filho nasceu quando Anastácia Jacinta tinha 45 anos.

Novamente encontramos familiares próximos convidados para padrinhos dos filhos deste casal. Apenas no caso da filha Maria foi padrinho João Machado Alves, da ilha do Faial, sendo madrinha Maria Rita, tia paterna. De António foram padrinhos os avós maternos. De Inês, foi padrinho Manuel de Ávila Martins, tio paterno e madrinha Brízida de Brum, então solteira, filha de José de Ávila, irmão do avô paterno. De Anastácia foram padrinhos os tios maternos, Teotónio e Maria (repare-se que o nascimento se dera em 1814, altura em que Teotónio visitava a freguesia). De Teotónio serão padrinhos por procuração o avô materno, António Silveira de Ávila, e sua filha Maria Francisca. Ao baptizado de Manuel serão novamente compadres Manuel de Ávila Martins e Maria Rita, irmãos do pai. De Rita serão padrinhos António Goulart de Sousa Peixoto e sua mulher Maria Francisca, esta tia materna da baptizada. De José, primeiro e segundo de nome serão padrinhos os avós maternos.

Como vimos, no seu primeiro ano de casados, António Silveira de Ávila Martins e Anastácia Jacinta viveram em casa da mãe desta última, estando o pai ausente. Regressando o pai, o casal foi viver para a Travessa da Canada de Almanse para a de Francisca, no sítio chamado Lagido, numa casa que hoje ainda se mantém na posse de um seu descendente. Em alguns róis António Silveira de Ávila Martins é referido como António Silveira de Ávila Lagido, alcunha que a família toma. Seriam vizinhos de Manuel de Ávila Martins, pai de António Silveira.

Como também já referimos, a filha Anastácia viveu desde criança com os avós maternos, passando depois para a casa da tia Maria que não tivera filhos. A irmã Maria, quando tinha 19 anos, passou também a viver na casa dos avós, onde acabaria por ficar depois de casada.

A filha Inês faleceu em 1837, aos 26 anos. Não sabemos a causa da morte.

O filho António, homónimo do pai, casou aos 32 anos com Inácia dos Anjos e foi viver para casa dos sogros.

Teotónio emigrou em 1842, quando contava 25 anos, ainda em vida do pai. Para o Brasil, supomos. Viria de visita em 1847, regressando em 1854, chamando-se então Teotónio Flávio da Silveira.

António Silveira de Ávila falecera em 28 de Novembro de 1844, aos 63 anos. Fez testamento e escolheu para seu testamenteiro seu filho Manuel, então solteiro e na sua companhia.

Manuel, chamado então Manuel Silveira de Ávila Martins casou em 1853, aos 33 anos, com Tomázia Bernarda , de 27 anos. No primeiro ano de casado foi viver para casa do sogro, Manuel da Fonte, viúvo, na Canada de Francisca, mas logo em 1855 passa a encabeçar o fogo em que vivia sua mãe viúva, Anastácia Francisca.

Teotónio Flávio da Silveira, regressado, vive algum tempo também na dependência do irmão, mas logo em 1855, passamos a encontrá-lo isolado numa residência próxima da casa que fora de seus avós António Silveira de Ávila e Maria Francisca, na Rua da Estrada, entre a Canada do Almanse e a Canada de Francisca e onde vivia sua irmã Maria Francisca e seu cunhado António de Brum Bettencourt. Voltou a sair em 1857. Regressaria em 1862, passando a viver com Maria Filomena, identificada umas vezes como criada, outras como *assistente*. Morreria solteiro, aos 74 anos, sendo identificado como proprietário. A sua casa de boa pedra talhada encontra-se hoje em ruínas, casa que deixara a Maria Filomena.

Anastácia Francisca havia falecido em 1866, aos 80 anos, identificada como fiandeira, uma actividade feminina referida então quase sistematicamente.

Também neste caso encontramos a emigração presente. Emigração bem sucedida, com retorno, como foi o caso de Teotónio Flávio da Silveira. Emigração sem retorno, como foi o caso de seu irmão José. Vimos como os

avós ou tios sem filhos recebem as netas, aliviando a pressão das famílias numerosas.

7.2. CASAL 2

QUADRO XLV

Nome/cargo/profissão	Data Baptismo	Data Casamento	Data/Óbito Observação	Estado Óbito
2ª Geração Ascendente CASAL 2 (S. João)				
José Francisco de Simas	14-01-1760	28-07-1791	06-03-1844	Viúvo
Francisca Catarina	18-04-1766		18-04-1766	Casada
FILHOS				
<i>Maria Francisca</i>	26-11-1792	15-06-1835	24-03-1880	Viúva
<i>Manuel José de Simas</i>	27-11-1794	07-07-1856	15-02-1889	Casado
<i>Teodora de Simas</i>	08-02-1797	07-06-1818	10-10-1834 (S. Mateus)	Casada
<i>António José de Simas</i>	09-09-1799	28-09-1854	20-01-1834	Casado
Francisco	01-02-1802		27-02-1820	Solteiro
<i>Franacisca Catarina</i>	24-10-1805		29-12-1885	Solteira
Inácia dos Anjos (Avó de F.C.)	29-09-1808	16-09-1834	04-03-1862	Casada

Francisca Catarina com 25 anos ao casamento, teria sete filhos, o último dos quais nascido quando tinha 42 anos. Todos os filhos sobreviveram à infância.

Reparemos que a filha mais velha é Maria, com o sobrenome de Francisca, nome próprio da mãe. Manuel e António juntam ao seu nome José de Simas, Teodora é Teodora de Simas, Francisca é Francisca Catarina como a mãe e Inácia é Inácia dos Anjos.

Os padrinhos que o casal escolhe para os filhos não são só familiares próximos, mas também vizinhos e pessoas de fora da freguesia, algumas que supomos aparentadas, outras de prestígio.

Da filha mais velha, Maria, é padrinho o avô paterno e uma tia materna, Maria da Conceição, meia irmã de Francisca Catarina. Para madrinha de Manuel é escolhida uma mulher do lugar da Silveira, freguesia da Santíssima Trindade das Lajes. Padrinho de Teodora é António José de Simas, solteiro, filho de Francisco José de Simas, natural e residente em S. Roque (recorde-se que o avô de José de Simas era originário de S. Roque). Madrinha da mesma é Úrsula Antónia, solteira, filha de Miguel Rodrigues, vizinhos. Um homem natural do Faial é padrinho de António, sendo madrinha Rosa Helena, outra tia materna da baptizada. O sargento Manuel Pereira de Évora e sua irmã Josefa Quitéria, solteiros, filhos de Manuel Pereira de Évora, foram padrinhos de Francisco. De Francisca foram padrinhos o Pe. José Homem Cardoso e sua irmã Maria Josefa. De Inácia foi padrinho o Capitão-mor da vila das Lajes, Tomé Cardoso Machado e sua mulher D. Inácia Joaquina. Inácia será depois um nome repetido nas gerações seguintes.

Podemos acompanhar a residência de José Francisco de Simas e Francisca Catarina a partir de 1799 através dos róis de confessados.

Nesse ano, na primeira casa do troço de Estrada que ia da canada de St. António ao Fim da Freguesia viviam o casal referido, os filhos menores, embora ainda não arrolados e o pai de José Francisco de Simas, Manuel Leal de Simas, viúvo.

Em 1802 o filho Manuel, então com 7 anos, é dado como ausente, mas regressa no ano seguinte. É de admitir que estivesse em casa de algum parente, embora não tenhamos conseguido identificá-lo. Também no rol de 1805 e no de 1806 a família deixa de ser referida como residente no mesmo lugar, situação tanto mais estranha quanto é registado o óbito de Manuel Leal de Simas em 29 de Março de 1806. No rol de 1807 o seu fogo ocupa a posição onde o encontráramos antes.

Em 1818 a filha Teodora casou para S. Mateus com José Pereira Cardoso. Acabaria por falecer nessa freguesia aos 37 anos de idade.

Dois anos mais tarde faleceu Francisco, então com 18 anos de idade, afogado no mar. A família deveria estar a passar por dificuldades na medida em que, sendo o corpo recolhido, foi amortalhado em hábito de picote e teve meio ofício por sua alma, que *seu pai mandou fazer obrigado*.

Em 12 de Outubro de 1822 a filha mais velha, Maria Francisca, teve um filho natural, José, filho de José Francisco Maciel, solteiro, de 26 anos, que fora morador na Ponta Rasa. Quando o filho nasceu o pai já se encontrava emigrado. A criança foi criada com a mãe em casa dos avós maternos. Maria Francisca casou mais tarde, aos 42 anos, com Manuel Francisco Maciel, irmão do pai do filho. Teria ainda um filho do marido, falecendo aos 87 anos, viúva. José não acompanhou a mãe, ficando com os avós, embora por pouco tempo. Admitimos que tenha emigrado aos 14 anos.

Francisca Catarina falecera em 28 de Julho de 1835, aos 69 anos, deixando seu marido por testamenteiro.

Inácia dos Anjos casou com António Silveira Ávila Martins, já depois do falecimento da mãe, em 1839. Ficariam a residir na fogo vizinho, onde os encontrámos em 1846, ao nascimento de sua filha e figura central deste trabalho, F.C..

Ainda antes de 1846, em 6 de Março de 1844, faleceu José de Simas, assumindo seu filho Manuel, com o nome de Manuel José de Simas a chefia do fogo onde viviam também seus irmãos António e Francisca, solteiros. Um criado António foi residente em 1842 e em 1844 entrou uma criada de nome Mafalda.

8 . PRIMEIRA GERAÇÃO ASCENDENTE

8.1. CASAL ÚNICO

QUADRO XLVI

Nome	Data Nascimento	Data Casamento	Data Óbito	Estado Óbito
------	-----------------	----------------	------------	--------------

CASAL ÚNICO (S. João)				
António Silveira Ávila Martins	14-08-1807	16-09-1839	30-03-1890	Viúvo
Inácia dos Anjos	29-09-1808		04-03-1862	Casada
FILHOS				
Maria <i>Inácia</i>	27-09-1840		06-01-1862	Solteira
António	27-03-1843		15-01-1845	Criança
Inácia	13-01-1845		04-10-1861	Solteira
Francisca <i>Catarina</i> (F.C.)	26-11-1846	14-07-1884	21-03-1940	Viúva
Manuel <i>Silveira Ávila Martins</i>	16-10-1849		17-10-1876	Solteiro

Os pais de F. C. tinham idades próximas na altura do seu casamento. Inácia dos Anjos iria perfazer dentro de dias os seus 31 anos, enquanto António Silveira de Ávila Martins contava já os 32 anos. Tiveram ainda cinco filhos, o último dos quais nascido aos 41 anos de idade da mãe, idade corrente na época para o nascimento de um último filho.

O casal convidou para padrinhos dos seus filhos os familiares mais próximos, um tipo de comportamento que se vincara no século em que viviam. Padrinhos da filha mais velha, Maria, foram António José de Simas e Francisca Catarina, solteiros, tios maternos. De António foram padrinhos Manuel Silveira e sua irmã Maria Francisca, tios paternos. Outros tios paternos, José Silveira e Anastácia Jacinta, foram padrinhos de Inácia. Francisca foi baptizada em casa, não sendo referidos padrinhos. Foram padrinhos de Manuel o tio paterno Teotónio Flávio da Silveira e sua mãe Anastácia Jacinta, avó paterna.

Tendo em conta o comportamento das gerações precedentes, poder-se-ia admitir que as redes de sociabilidade nesta geração se restringiram. Poder-se-ia procurar uma justificação económica para a mudança, mas não parece ser o caso. Na lista do recenseamento eleitoral de 1884, António Silveira Ávila Martins ocupava o oitavo lugar na ordem do valor contributivo,

no conjunto de 194 indivíduos, sendo identificado como pastor, posição relativa que supomos não muito diferente da ocupada pelo próprio pai.

Repare-se na lógica de atribuição de nomes aos filhos do casal. A filha mais velha é baptizada com o nome de Maria, o nome mais corrente para uma primogénita, ao qual se junta depois o sobrenome de Inácia, nome próprio da mãe. O segundo filho herda o nome próprio do pai, sem conhecer apelidos por ter falecido na infância. A terceira filha é Inácia, como a mãe. Francisca é registada em adulta por Francisca Catarina, nome da avó materna. Manuel, o filho mais novo, recebe o nome próprio mais comum na freguesia e usa os três apelidos do pai.

Recorde-se que dos cinco filhos de António Silveira e Inácia dos Anjos apenas Francisca Catarina teve acesso ao casamento. António faleceu com menos de dois anos de idade, Inácia faleceu aos 16 anos e Maria aos 21, três meses depois do falecimento da irmã. Inácia dos Anjos sobreviveu apenas mais dois meses à morte da sua filha mais velha, contando então 53 anos de idade. O filho mais novo, Manuel Silveira de Ávila Martins, viria a falecer aos 27 anos, solteiro, catorze anos depois da morte da mãe. Teria ido duas vezes num mesmo dia, pelo mato, à vila de S. Roque (percorreria no total cerca de 80 km a correr, 40 dos quais de penosas subidas), para colher elementos que obviassem ao domínio da Irmandade do Espírito Santo pela hierarquia religiosa, esforço demasiado violento que lhe provocaria a morte.

Repare-se ainda que nesses catorze anos Manuel Silveira havia assistido a três momentos críticos da sua própria vida e da vida da sua família. O primeiro fora o nascimento de Cândido, em 16 de Dezembro de 1863, filho natural de seu pai, António Silveira de Ávila Martins e de Maria Constância, mulher solteira, de 39 anos de idade (repare-se que António Silveira tinha então 56 anos). O segundo momento foi o nascimento de um seu filho natural com Maria Tomázia Brum de Melo, chamado Manuel, que identificamos no rol de 1884 com a idade de 15 anos¹⁷. O terceiro momento foi o nascimento de

¹⁷ Não encontramos o registo de baptismo desse filho. Por memória oral sabemos da sua existência e o nome da mãe. No rol de confessados de 1884 encontramos a residir no nº2 da Canada de Santo António, José de Brum de Melo, solteiro, de 36 anos (teria de facto 41 anos),

Maria, em 1 de Setembro de 1873, filha natural de sua única irmã sobrevivente, F.C..

O mais próximo ascendente directo de F.C., António Silveira de Ávila Martins, viria a falecer em 30 de Março de 1890, aos 82 anos de idade.

Voltar à [Página Anterior](#)

acompanhado pela irmã Maria, de 39 anos e por um sobrinho, Manuel, de 15 anos. Maria seria certamente Maria Tomázia Brum de Melo, nascida em 29 de Junho de 1845, com passaporte para o Brasil datado de 1867, mas que encontramos como residente em S. João logo no ano seguinte. Teria tido o filho, aos 24 anos, de Manuel, seu vizinho, de 19 para 20 anos, filho de António Silveira de Ávila Martins.